

Macau 澳門



**AJUDAR
A SALVAR
VIDAS**

Há mais pessoas a doar sangue em Macau, um gesto solidário que pode fazer a diferença



QUARTA PONTE

NOVA LIGAÇÃO MACAU-TAIPA
PARA MELHORAR TRÁFEGO



MERCADO HONG KONG

MANTER VIVAS AS TRADIÇÕES,
REVITALIZAR A COMUNIDADE

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA

META É SER REFERÊNCIA
REGIONAL, DIZ REITOR

2022
20-22/10



MIF
網址-Website



MFE
網址-Website



PLPEX
網址-Website



主辦單位 / Organizador / Organiser



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

第二十七屆澳門國際貿易投資展覽會

27ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU
27th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR



澳門國際品牌連鎖加盟展 Exposição de Franquia de Macau Macao Franchise Expo



葡語國家產品及服務展 (澳門)
EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS E SERVIÇOS DOS
PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (MACAU)
Portuguese Speaking Countries Products and
Services Exhibition (Macao)

www.mif.com.mo

www.mfe.mo

www.plpex.mo

澳門威尼人
金光會展
COTAI EXPO,
THE VENETIAN
MACAO

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo

Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



SENSIBILIZAR PARA SALVAR ◀8

Promover a dádiva de sangue e garantir a segurança dos dadores são prioridades para o Centro de Transfusões de Sangue. A Revista Macau foi conhecer o dia-a-dia da instituição



NOVA TRAVESSIA ENCURTA DISTÂNCIAS ◀16

Quarta ponte Macau-Taipa deve estar operacional em 2026, tornando mais rápidas as ligações entre os dois lados



MERCADO HONG KUNG, ONDE AS TRADIÇÕES SE MANTÊM VIVAS ◀26

Em operação há quase 10 anos, iniciativa visa apoiar o rejuvenescimento do Porto Interior



HENGQIN E QIANHAI, NO TRILHO DA INTEGRAÇÃO REGIONAL ◀40

Zonas de cooperação em Guangdong abrem novas perspectivas de desenvolvimento para Macau e Hong Kong



ENTREVISTA

Universidade Politécnica com horizontes alargados

◀44

Reitor Marcus Im Sio Kei destaca maior oferta de disciplinas científicas e foco na inovação como bases para o futuro

Sementes para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe

◀50

Projecto piloto na área da agricultura apoiado pela China pode ser alargado a outras zonas do país africano

Quinze anos a promover a arte contemporânea ◀68

Art ForAll Society ajuda a projectar talentos locais

OUTROS TEMAS

32 ▶ CESL ASIA APOSTA NA AGRO-PECUÁRIA EM PORTUGAL

36 ▶ CASA DE BOLOS MAN KEI MODERNIZA RECEITAS TÍPICAS

56 ▶ NOVA PLATAFORMA DIGITAL APOIA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

60 ▶ UNIVERSIDADES DE LISBOA E XANGAI LANÇAM FACULDADE CONJUNTA

64 ▶ COMUNIDADE DE GOA, DAMÃO E DIU DE PEDRA E CAL NA RAEM

76 ▶ REMO EM PÉ GANHA ADEPTOS NAS PRAIAS DE COLOANE



+MACAU

+ 80

Tracy Choi reflecte sobre essência da cidade



+ 84

O sabor da nostalgia por Florita Morais Alves



+ 86
Roteiro

Governo empenhado em promover emprego e indústrias emergentes

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está focado em garantir o acesso prioritário dos residentes locais ao emprego, incluindo através da introdução de políticas e medidas para aumentar

a sua empregabilidade. A garantia foi dada pelo Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, durante uma visita à Assembleia Legislativa, a 9 de Agosto, para responder a perguntas dos deputados.

Ho Iat Seng afirmou que o Governo local está igualmente empenhado no desenvolvimento de indústrias emergentes, por forma a estimular a diversificação adequada da economia de Macau.

O Chefe do Executivo salientou que a pandemia da COVID-19 tem tido um grande impacto em Macau. Ho Iat Seng acrescentou que o Governo da RAEM implementou, recentemente, diversas medidas de retoma económica (ver texto nestas páginas), além de planos para o incentivo à contratação de residentes desempregados.

Durante a ida ao hemiciclo, o Chefe do Executivo respondeu a questões colocadas por 31 deputados, abordando um amplo leque de temas, numa reunião que durou mais de três horas.



POLÍTICA

Lançado concurso para novas licenças de jogo

As autoridades de Macau lançaram no final de Julho um concurso público para a atribuição de concessões para a exploração de jogos de fortuna ou azar em casino. O período para apresentação de propostas decorre até 14 de Setembro.

O concurso disponibiliza seis concessões, cada com um prazo máximo de 10 anos. Estas devem entrar em vigor no início do próximo ano, coincidindo com o final das actuais licenças.

Para admissão a concurso, as sociedades interessadas devem prestar uma caução de montante não inferior a 10 milhões de patacas. Entre os factores de apreciação das propostas, encontram-se os planos para atrair clientes do estrangeiro, bem como “o interesse para a Região Administrativa Especial de Macau proveniente dos investimentos em projectos relacionados e não relacionados com o jogo”.

ECONOMIA

Novas medidas para minimizar impacto da pandemia

Começou a ser implementado em Agosto um novo pacote de medidas para minimizar o impacto na vida da população ligado ao ressurgimento da pandemia da COVID-19 na cidade. A nova ronda de apoios, anunciada pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau em Junho, está orçamentada em 10 mil milhões de patacas.

As medidas incluem a devolução da contribuição predial urbana



respeitante aos imóveis para fins industriais e comerciais, e a isenção do imposto de turismo a todos os estabelecimentos. O pacote cobre também a devolução do imposto de circulação dos veículos dedicados a actividades comerciais; a isenção ou devolução de taxas relativas a licenças administrativas; e o lançamento de um plano de abonos para o sector de táxis.

Entre as medidas, estão igualmente um novo plano de apoio pecuniário destinado a trabalhadores, profissionais liberais e operadores de estabelecimentos comerciais, bem como um plano específico de bonificação de juros de créditos bancários para as empresas, a optimização do plano de formação subsidiada e a realização de um “carnaval de consumo” envolvendo toda a cidade.

COVID-19

Pagamentos cada vez mais inteligentes

Valor total das transacções através de pagamentos móveis



© AUTORIDADE MONETÁRIA DE MACAU

Nos últimos anos, o número e o valor total das transacções efectuadas em Macau com recurso a métodos de pagamento móvel dispararam. No segundo trimestre de 2022, o número de transacções foi de 68,6 milhões, um acréscimo trimestral de 7,6 por cento, tendo o valor médio por transacção atingido 92,9 patacas.

GRÁFICO



“O Governo da RAEM tem confiança nas perspectivas do futuro desenvolvimento de Macau”

CHEONG WENG CHON
SECRETÁRIO PARA A ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

Conferência de imprensa sobre o concurso público para a atribuição de concessões para a exploração de jogos de fortuna ou azar em casino



7,3%

Crescimento anual do valor total das mercadorias exportadas por Macau durante o primeiro semestre de 2022, o qual se fixou em 7,2 mil milhões de patacas.

NÚMERO

FRASE



Momento

TRABALHAR EM CONJUNTO | Macau enfrentou, entre Junho e Julho, o maior surto local de COVID-19 desde o início da pandemia, em 2020. Essencial para o controlo do surto foi a colaboração activa da população em relação às medidas implementadas pelo Governo, em particular a participação nas várias rondas de teste em massa de ácido nucleico levadas a cabo – um total de 14. Macau regressou à normalidade em Agosto. ▲ FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

中華文化薪火相傳暨餘暇活動成果展



CENTRO DE TRANSFUÇÕES DE SANGUE

Doar é dar vida

A falta de sangue para transfusões é um problema recorrente em todo o mundo. Em Macau, o número de dadores até cresceu em anos recentes, mas é ainda preciso fazer mais para consciencializar um maior número de pessoas e ajudar a ultrapassar o medo e o desconhecimento sobre a dádiva de sangue. Para já, o mais importante é não desperdiçar nem uma gota

Texto | Nelson Moura

QUANDO o Centro de Transfusões de Sangue de Macau abriu portas, em 1988, Paulo Rodrigues foi uma das primeiras pessoas a estender o braço para uma doação. E assim tem feito todos os anos com a precisão de um relógio e com uma dedicação que já lhe granjeou a denominação de um dos principais dadores da história do centro.

“Eu fui logo no início, o meu número de registo de dador é o 42, um dos mais baixos, considerando que [o número de registados]

já vai actualmente em 60.000 ou 70.000”, conta Paulo Rodrigues à Revista Macau. “Eu tinha um amigo nos Serviços de Saúde que, na altura, me telefonou e perguntou se queria ir com ele doar sangue. Fui e tornou-se num hábito. Depois, a minha secretária já tinha na agenda cada vez que chegava a altura de ir doar sangue”, acrescenta.

Mesmo com esse início mais casual, o dador aponta a relevância pessoal que este hábito tem para ele, considerando a importância que o sangue – “a única





Cerca de 14.100 pessoas passaram pelo centro no ano passado para doar sangue



O centro tem procurado motivar mais jovens a doar sangue regularmente

© CHEONG KAM KA

coisa que a tecnologia não consegue substituir” – tem para as pessoas que precisam de receber uma transfusão.

“Eu recebi o dom da vida, não pedi para aqui vir. Não tive qualquer influência nessa situação. Se eu posso também dar vida aos outros, por que não fazê-lo?”, questiona Paulo Rodrigues. “Se estamos bem de saúde e estamos numa situação de poder ajudar alguém, não há muitas razões para não o fazer. Não custa nada.”

Seria difícil ser mais regular do que Paulo Rodrigues no que toca à dádiva de sangue, visto que todos os

anos faz questão de passar pelo centro tantas vezes como permitido.

“Os homens podem dar um máximo de quatro vezes por ano e as mulheres três vezes. Eu dou sempre quatro vezes por ano com a exceção de duas vezes, por ter níveis de ferritina muito baixos”, explica o residente de Macau. “De cada vez dou cerca de 450 ml de sangue – considerando que fui lá já 146 vezes é só fazer as contas. Também fui um dos primeiros a dar plasma.” Contas feitas, Paulo Rodrigues já doou mais de 65 mil ml de sangue ao longo de mais de 30 anos.

O residente aponta também que se o limite de idade máximo para dadores de sangue no território não fosse os 70 anos, faria questão de continuar a doar em Macau. Mas não coloca de parte a possibilidade de o fazer noutras regiões que o permitam.

E as boas memórias têm-se acumulado com o passar dos anos. Paulo Rodrigues conta como uma das recordações mais marcantes da sua história como dador aconteceu no dia em que três crianças o surpreenderam com um ramo de flores quando foi premiado como o principal dador masculino do



Eu recebi o dom da vida. Se eu posso também dar vida aos outros, por que não fazê-lo?

PAULO RODRIGUES
UM DOS MAIS
ANTIGOS DADORES
REGISTADOS NO CENTRO

Centro de Transfusões de Sangue de Macau.

“Ofereceram-no a mim e a uma senhora premiada como a principal dadora feminina e disseram-nos que não estaríamos vivos se não fosse por nós”, lembra.

Aprender a doar

Embora a maioria das pessoas seja potencial dador de sangue, poderá, em alguns casos, não ser assim. Há uma variedade de razões pelas quais alguém não poderá dar sangue. Em primeiro lugar, razões que ponham em causa a segurança do



© ANTONIO SAMARFIL

dador; em segundo, razões em que a dádiva de sangue possa provocar potenciais problemas no receptor.

De acordo com dados do Centro de Transfusões de Sangue de Macau, no primeiro ano de operação, em 1988, cerca de 1000 pessoas voluntariaram-se para doar sangue. Um número que cresceu

exponencialmente nos 34 anos seguintes para cerca de 14.000 actualmente.

Doar sangue é hoje em dia fácil e rápido, com os voluntários a terem apenas que seguir os seguintes requisitos: ter entre 17 e 69 anos de idade e um peso igual ou superior a 45 quilos.



Nós envidámos muitos esforços para treinar a nossa equipa e prestar o melhor serviço possível aos doadores de sangue, com respeito e afecto

HUI PING
DIRECTORA DO CENTRO
DE TRANSFUSÕES
DE SANGUE DE MACAU

Wong Ka Cheng, uma residente de 33 anos, considera doar sangue uma espécie de “cerimónia” que já executa como um ritual. “Comecei a doar sangue quando tinha 18 anos, com amigos, como que a marcar o início da minha vida adulta, e também como forma de provar que sou madura o suficiente para ter mais responsabilidades para com a sociedade”, conta à Revista Macau.

Desde então doou sangue mais de dez vezes e assim pretende continuar a fazer regularmente desde que a sua saúde o permita. “Doar sangue a alguém em necessidade é como um certificado de corpo

saudável. Sinto-me honrada por ter condições de saúde que me permitiram doar sangue ao longo destes anos”, acrescenta.

“O centro continua a promover que a doação de sangue é uma acção ‘para mim e para os outros’. Isto é uma boa maneira de incentivar os cidadãos a fazerem

isso voluntariamente ao invés de atrair doações com pagamentos, enfatizando a responsabilidade dos cidadãos e não do dinheiro nesta questão de vida ou morte”, diz Wong Ka Cheng.

A jovem residente também se registou como dadora para um possível transplante de medula óssea/



© ANTONIO SIMARFIL

células estaminais, um serviço que o centro passou a disponibilizar desde 2012.

Os residentes que queiram tornar-se dadores de medula óssea devem ter idade compreendida entre os 18 e os 60 anos, com um peso superior a 50 quilos.

Os Serviços de Saúde de Macau e a Autoridade Hospitalar de Hong Kong celebraram um memorando que veio permitir aos residentes de Macau efectuarem o seu registo no Centro de Transfusões de Sangue local, para as suas informações serem processadas e conservadas na base de dados de medula óssea da região vizinha.

Contudo, no caso de existir um dador compatível, os procedimentos terão de ser realizados em Hong Kong. “Macau é tão pequeno que dificilmente se conseguiria implementar esse tipo de transplante ou construir um banco de dados de transplante de órgãos. Assim, Macau juntou este sistema ao de Hong Kong há alguns anos”, refere Wong Ka Cheng. “Os médicos do centro explicam bem todos os detalhes sobre as operações e o significado deste programa. Isto deixa as pessoas mais interessadas em participar nesta iniciativa.”

Maior consciencialização

Em 2021, cerca de 14.100 pessoas passaram pelo centro para doar sangue, com 17.664 unidades de sangue recolhidas e 3557 pacientes a beneficiar deste acto voluntário

crucial. Actualmente, em média, 16 pessoas passam diariamente pelo centro para doar sangue, sendo 70 por cento dadores regulares.

De acordo com a directora do Centro de Transfusões de Sangue de Macau, a médica Hui Ping, nos primeiros anos de operação do organismo, o hábito de doar sangue era mais prevacente na comunidade portuguesa do que na chinesa. Contudo, e com o contributo das chefias na função pública local, esbateu-se alguma da desconfiança junto dos dadores chineses.

“A comunidade chinesa tinha alguns preconceitos sobre doar sangue. Acreditavam que não era bom para a saúde, algo que era muito complexo”, diz Hui Ping à Revista Macau. “No entanto, tínhamos várias pessoas portuguesas em cargos de chefia que faziam dádivas de sangue e convenciam mais pessoas a fazê-lo”, acrescenta.

Depois da transferência de administração, em 1999, o centro lançou várias campanhas educacionais e promocionais, com vista a atrair mais dadores chineses. De acordo com a directora, antes do estabelecimento do centro, as doações de sangue eram geridas pelos hospitais locais separadamente e as doações eram geralmente pagas, uma prática que poderia acarretar “muitos riscos”. Muito do sangue para tratamento médico era também importado de Hong Kong, do Interior da China ou doado por membros da família do próprio paciente.

Em 1989, os dois hospitais da cidade foram proibidos de realizar doações pagas e uma política de doações anónimas, voluntárias e não remuneradas, foi estabelecida em Macau. Esta mudança foi um passo importante para garantir que a doação de sangue em Macau conseguiria estar de acordo com padrões de segurança internacionais.

Certificação internacional

Em 1999, o centro mudou-se também da sua antiga sede na Avenida Sidónio Pais para a sua localização actual na Alameda Dr. Carlos D’Assumpção, ganhando uma casa cinco vezes maior e estabelecida de raiz para este tipo de operações.

As melhorias no serviço permitiram ao Centro de Transfusões de Sangue de Macau receber certificados operacionais de qualidade em 2003 e 2009, respectivamente. Hui Ping revela que o centro está também a proceder à candidatura para a obtenção de um outro certificado, um requisito da Organização Internacional de Normalização (ISO, na sigla em inglês) para laboratórios, “para garantir que todos os processos no laboratório e na cadeia de hemocomponentes possam estar sob controlo”.

“Uma equipa da ISO vai visitar o centro para assegurar que seguimos os nossos procedimentos operacionais e verificar as nossas práticas de trabalho”, acrescenta a dirigente.



A operação do centro já foi reconhecida internacionalmente com certificados operacionais de qualidade

A qualidade dos produtos sanguíneos do centro segue também padrões estabelecidos pela Comissão de Especialistas Responsáveis pela Qualidade dos Serviços de Transfusão de Sangue, ao abrigo do Conselho Europeu. “Nós temos que ter uma boa imagem, não pode haver erro nos procedimentos de transfusão de sangue, desde o cadastro do dador até ao fornecimento de sangue para os hospitais; essa cadeia não pode ter falhas”, sublinha a responsável.

“Também temos um sistema de verificação de erros”, refere a directora. “Se algum erro afectar a nossa qualidade de serviços, a equipa elabora um relatório para enviar ao gerente de qualidade, que investiga o caso de maneira a estabelecer uma rede de segurança que garanta que esses erros não se repitam ou aconteçam de todo.”

Ao mesmo tempo, os laboratórios associados ao Centro de Transfusões de Sangue de Macau têm participado em Programas de Controlo de Laboratórios Externos do Reino Unido e da Austrália, para garantir que as suas técnicas laboratoriais se mantêm a um nível elevado.

Assegurar a qualidade do serviço de atendimento dos trabalhadores da linha da frente foi também definido como um elemento crucial para aumentar o número de voluntários. “Nós envidamos muitos esforços para treinar a nossa equipa e prestar o melhor serviço possível aos dadores de sangue, com respeito e afecto”, realça a

directora do centro. “Além disso, estamos também a melhorar os nossos sistemas informáticos e a digitalização, de maneira a suavizar todo o processo e garantir que tudo esteja devidamente registado.”

De acordo com a dirigente, o actual sistema operativo está em uso há cerca de 13 anos e a sua actualização é uma das grandes prioridades, considerando que é este sistema que mantém os registos dos dadores e a compatibilidade dos tipos de sangue para transfusões.

Entranhado no sangue

A dádiva de sangue é um acto de solidariedade. Todos os anos, no dia 14 de Junho, a comunidade mundial celebra o “Dia Mundial do Dador de Sangue”, com destaque para os dadores voluntários cujo gesto permite salvar inúmeras vidas em todo o mundo.

Em Macau, além da necessidade de modernizar o sistema operativo, o Centro de Transfusões de Sangue tem lidado com alguns desafios, nomeadamente o envelhecimento dos dadores mais frequentes. “Em 2012, cerca de 80 por cento dos dadores tinham menos de 40 anos, mas esse número desceu para 68 por cento em 2021. Temos que arranjar maneira de motivar mais jovens a doar sangue regularmente”, salienta a médica.

Alguns desses esforços incluem oferecer bilhetes de cinema a alunos do secundário e estudantes universitários, para doarem

sangue pelo menos duas vezes por ano; organizar excursões de estudantes ao centro; e oferecer materiais promocionais às escolas.

Outro desafio envolve lidar com a redução da percentagem de dadores masculinos, que passou de 61 por cento do total, em 2001, para 41 por cento em 2021.

“O plasma das mulheres tende a ter anticorpos de glóbulos brancos, e em Macau só usamos plasma de dadores masculinos. Se o número de dadores do sexo masculino continuar a cair podemos ter que recorrer ao plasma feminino. Ainda estamos a tentar encontrar uma solução sobre como resolver este problema”, nota a directora do centro.

Se, por um lado, a pandemia da COVID-19 trouxe vários obstáculos a Macau, por outro, reflectiu-se também num aumento do número de pessoas que se comprometeram com a dádiva de sangue.

“Temos mais dadores do que antes da pandemia, o que é realmente estranho. Eu sei que outras regiões têm registado uma redução de 20 por cento na colheita de sangue, mas para nós é exactamente o oposto, temos um crescimento de 20 por cento no número de dadores”, refere Hui Ping. “Eu acho que é porque o nosso serviço é muito bom e as pessoas como não podem ir para o exterior têm mais tempo livre para nos visitar e doar sangue. Alguns deles queriam fazer isso antes, mas não tinham tempo”, acrescenta. ▲

VER VÍDEO AQUI ▶



QUARTA TRAVESSIA MACAU-TAIPA

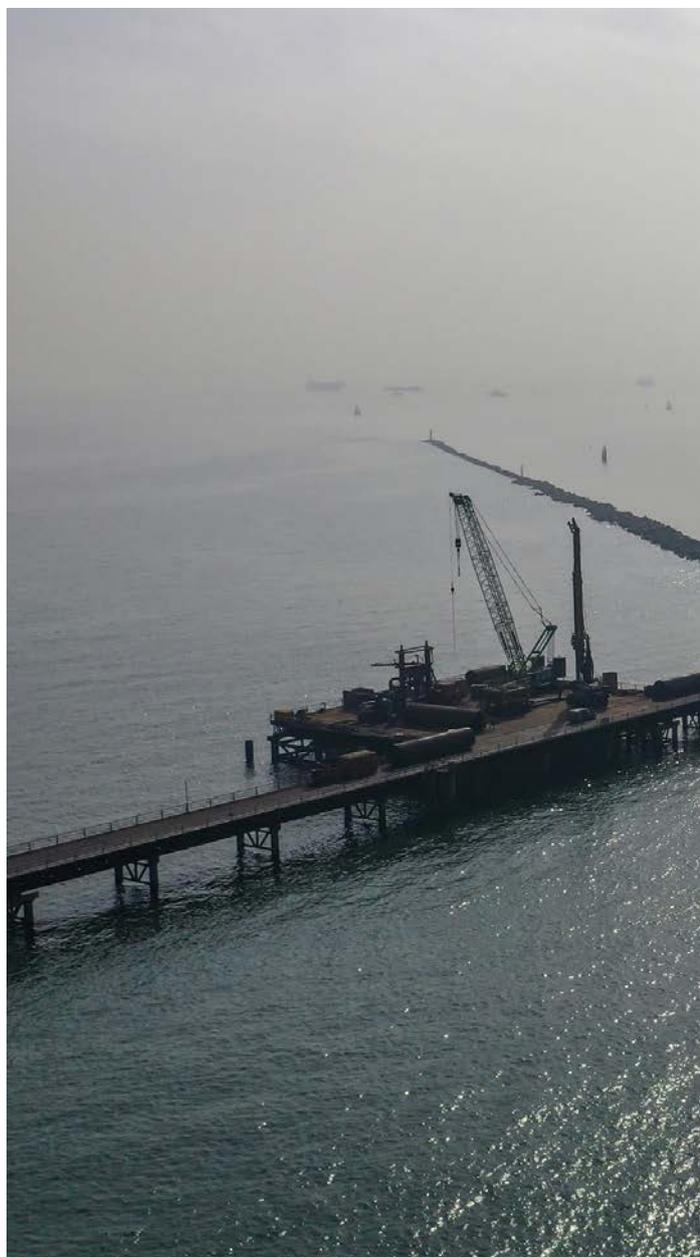
Ligação para um

Texto | Marta Melo

Vinte anos após o arranque da construção da Ponte de Sai Van, estão em curso as obras da quarta travessia rodoviária entre a península de Macau e a Taipa. A nova ponte, que deve estar operacional em 2026, vai permitir um descongestionamento do tráfego e ligações mais rápidas entre a Taipa e o resto da Grande Baía

A PRIMEIRA estaca da nova travessia rodoviária entre a península de Macau e a Taipa foi colocada a 26 de Agosto de 2020, cinco anos após o projecto ter sido aprovado pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A obra deverá estar concluída no “prazo de três a quatro anos”, segundo as previsões mais recentes do director da Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego, Lam Hin San, avançadas em Maio.

A quarta travessia ligará a Zona A dos Novos Aterros Urbanos, na península de Macau, assim como a ilha artificial que aloja o posto fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, à Zona E dos Novos Aterros, perto do terminal marítimo de passageiros do Pac On e do Aeroporto Internacional de Macau, na Taipa. Com 3,6 quilómetros de comprimento, terá uma largura superior à das pontes existentes no território devido ao total de oito vias de trânsito, quatro em cada sentido.



futuro sustentável



3,6 km

Comprimento da quarta ligação rodoviária entre a península de Macau e a Taipa, com o troço sobre o mar a estender-se por cerca de 2,9 quilómetros

“A primeira ponte de Macau, a Ponte Governador Nobre de Carvalho, tem apenas duas vias; a Ponte da Amizade tem quatro; enquanto a Ponte de Sai Van tem seis vias”, assinala o engenheiro civil Chan Mun Fong, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Macau. Especializado em engenharia estrutural, Chan Mun Fong acompanhou de perto, enquanto profissional, a construção de duas das três travessias que ligam Macau à Taipa – a Ponte da Amizade e a Ponte de Sai Van.

Das oito vias de trânsito da nova travessia, seis serão destinadas à circulação de veículos automóveis. As duas vias centrais estarão reservadas para ciclomotores e motociclos. “A existência de mais vias permite uma maior fluidez do trânsito e facilita o socorro em caso de acidentes”, argumenta o arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro. A velocidade máxima para a ponte e rampas de acesso será de 80 quilómetros por hora (km/h) e 40 km/h, respectivamente.

Mais segurança durante tufões

A quarta travessia rodoviária será mais segura para circulação durante ventos fortes quando comparada

com as pontes existentes. Segundo a informação disponibilizada pela Direcção dos Serviços de Obras Públicas (DSOP), serão instaladas barreiras na nova ligação que vão reduzir a velocidade do vento no respectivo tabuleiro, inclusive em caso de tufão, possibilitando uma condução em uniformidade de condições com as verificadas em área terrestre.

Quanto à possibilidade de a travessia se manter aberta ao trânsito em situações de sinal n.º 8 de tempestade tropical, tal será decidido pelo regulamento da ponte, que o Governo da RAEM elaborará antes de a ligação entrar em funcionamento. Actualmente, as três pontes do território são encerradas quando está içado o sinal n.º 8 ou superior, sendo o tabuleiro inferior da Ponte de Sai Van aberto ao trânsito durante esse período.

Tendo em consideração que a quarta ligação está a nascer numa área particularmente exposta aos tufões que regularmente afectam Macau, o Centro de Investigação em Engenharia de Vento da Universidade de Hunan foi incumbido de realizar um ensaio em túnel de vento, utilizando um modelo físico da ponte, a fim de avaliar a resistência e as características de vibração da futura infra-estrutura. O estudo realizou-se em

Da aprovação à concretização

O PROJECTO da quarta travessia rodoviária entre a península de Macau e a Taipa foi aprovado em 2015 pelas autoridades locais. As projecções iniciais apontavam para uma circulação diária de 70 mil a 80 mil veículos na nova ponte e uma redução de até 20 por cento no volume de tráfego nas pontes da Amizade e de

Sai Van. Em 2018, o Governo Central deu luz verde ao projecto, após quase dois anos a estudar a viabilidade da infra-estrutura.

Em cima da mesa chegou a estar a possibilidade de a travessia ser feita em túnel ao invés de ser construída uma nova ponte. Concluiu-se ser uma opção menos vantajosa

por impossibilitar a ligação com a ilha artificial da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau e a criação de uma via exclusiva para motociclos e ciclomotores. A opção por um túnel significava ainda mais tempo de construção e custos mais elevados: cerca do dobro, tanto para a construção como para a manutenção da infra-estrutura. ▲



Serão instaladas barreiras de protecção na nova ligação para reduzir a velocidade do vento no respectivo tabuleiro

© DIREITOS RESERVADOS



Macau aumentou as pontes de ligação com a Taipa ao longo do tempo, como resultado do crescimento da população e da necessidade de viajar de Macau para a Taipa

CHRISTINE CHOI
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUITECTOS DE MACAU

finais de 2020 e, segundo uma nota da DSOP, o ensaio permitiu concluir que a “resistência ao vento da ponte cumpre os requisitos” e que as barreiras de protecção alcançam os “objectivos previstos” ao nível do efeito de redução do vento no tabuleiro.

Chan Mun Fong, também director executivo da Sociedade de Consultadoria em Engenharia Civil, Limitada, grupo envolvido em diversas obras públicas na RAEM, identifica como grandes desafios do design e construção da nova travessia a conjugação com a navegação marítima e o tráfego aéreo. Segundo o especialista, existiu “a necessidade de fornecer aberturas adequadas de navegação sob a ponte de e para o Porto Exterior e o Porto Interior”, bem como houve que responder a requisitos do sector da aviação na “limitação da altura da estrutura da ponte”. A necessidade de assegurar a navegação marítima resulta num vão com uma distância de afastamento de 280 metros, que, segundo Chan Mun Fong, é “100 metros mais largo do que o vão máximo da Ponte de Sai Van”.

Na estrutura da nova travessia, o engenheiro e deputado José Chui Sai Peng destaca “a alta estabilidade

geral” e “a curva do contorno da estrutura de treliça da ponte principal, que é de forma ondulada”. Nos detalhes técnicos, o engenheiro sublinha ainda o facto de todos os elementos de aço serem de alta resistência, “o que reduz efectivamente o peso da ponte e alinha o perfil”.

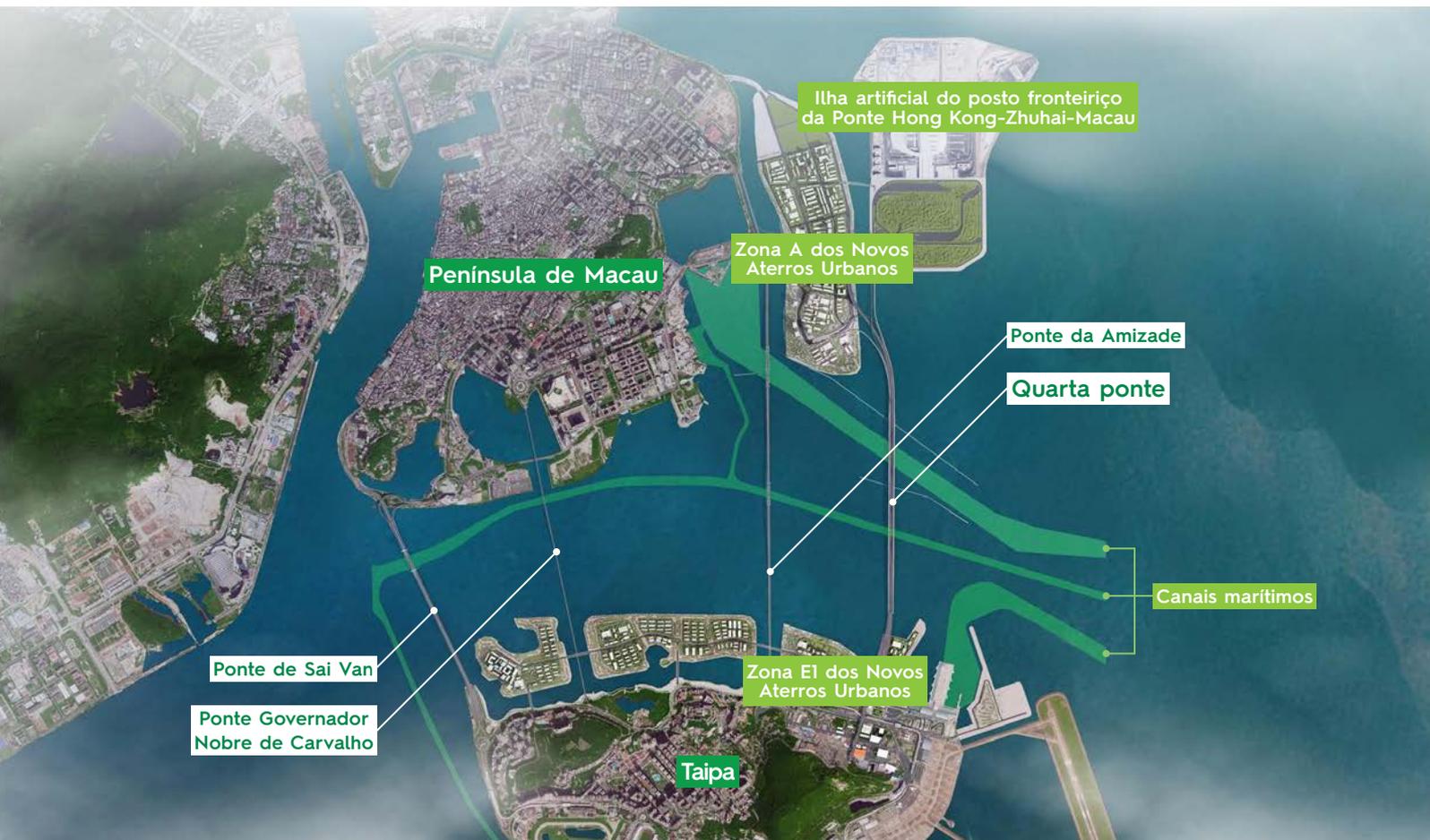
“Durante a construção, é a primeira vez que se usam revestimentos de grande diâmetro em larga escala”, acrescenta.

Mais fluidez, deslocações mais rápidas

A construção da quarta ligação entre a península de Macau e a Taipa é um dos trabalhos prioritários no âmbito do Planeamento Geral do Trânsito e Transportes

Terrestres de Macau até 2030. A estratégia, que esteve em consulta pública até ao mês passado, quer dar resposta à integração de Macau no desenvolvimento nacional no âmbito das oportunidades criadas pelos projectos da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. Segundo o texto colocado a consulta, para a optimização das ligações rodoviárias, um dos objectivos passa pela “construção da quarta travessia rodoviária marítima Macau-Taipa”.

De acordo com a presidente da Associação dos Arquitectos de Macau, Christine Choi, a quarta ponte “é necessária como infra-estrutura de apoio”, tendo em conta o desenvolvimento futuro da Zona A dos Novos Aterros Urbanos. A arquitecta entende que a





Quinta ligação a caminho?

A PESAR de a quarta ponte entre a península de Macau e a Taipa estar ainda em construção, as autoridades já discutem a possibilidade de desenvolver uma quinta ligação. Um estudo de viabilidade nesse sentido foi conduzido entre 2016 e 2017 pelo Governo liderado por Fernando Chui Sai On. Em cima da mesa estava uma travessia através de um túnel subaquático, com entrada, na península, junto aos hotéis Mandarin Oriental e MGM Macau, no NAPE, e saída, na Taipa, na zona entre as pontes Governador Nobre de Carvalho e da Amizade.

Passados cinco anos, o Secretário para os Transportes e Obras Públicas, Raimundo do Rosário, no cargo desde 2014, admite que a probabilidade de a ligação avançar “é de cinquenta por cento”. “Não nos esquecemos desse projecto, mas não sabemos se devemos avançar. É muito complexo, principalmente a ligação perto do Hotel MGM Macau”, reconheceu o governante, durante a apresentação do documento de consulta do “Planeamento Geral do Trânsito e Transportes Terrestres de Macau (2021-2030)”, em Maio.

Na opinião de Francisco Vizeu Pinheiro, é “evidente” a mais-valia de uma ligação directa entre a zona do NAPE e o centro da Taipa, que é feita, nos dias de hoje, pela “periferia de Macau, na zona do terminal marítimo do Porto Exterior ou na Barra”. Para o arquitecto, “quanto mais directas forem as ligações, menos tempo se gasta em transportes e menos poluição é produzida em zonas urbanas”.

Apesar de considerar que esta ligação pode vir a ser “conveniente”, o director da Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego, Lam Hin San, alerta que “não queremos desperdiçar o nosso dinheiro e depois trazer mais engarrafamentos para a zona central” de Macau.

Uma potencial quinta ligação, na opinião de Vizeu Pinheiro, podia “ter a vantagem adicional de libertar a Ponte Governador Nobre de Carvalho para conversão em zona pedonal”. O que, diz, poderia contribuir para “a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, e, no futuro (pós-pandemia), melhoraria a oferta turística de Macau”. ▲

8

Número de vias de trânsito na nova ponte, quatro em cada sentido. As duas vias centrais estarão reservadas para ciclomotores e motocicletas

construção da nova ligação é uma resposta natural, baseada na realidade local. “Podemos ver que Macau aumentou as pontes de ligação com a Taipa ao longo do tempo, como resultado do crescimento da população e da necessidade de viajar de Macau para a Taipa.”

Vizeu Pinheiro considera que a quarta travessia é um “projecto necessário para o desenvolvimento sustentável de Macau, uma vez que se localiza numa zona de aterros na periferia da península de Macau, a Zona A, possibilitando uma ligação directa com a Taipa, perto do aeroporto e resorts [do Cotai], sem ter

que interferir no já congestionado tecido urbano da península ou do centro da Taipa”.

No entanto, o impacto da nova travessia irá para além da Zona A dos Novos Aterros Urbanos. Christine Choi lembra que o nível de tráfego actual na Ponte da Amizade já é elevado na maior parte do tempo, o que seria agravado pela Zona A, que, “no futuro, estima-se que acomode cerca de 90 mil habitantes”. “A quarta ponte é necessária para fornecer um sistema de transporte eficiente para aquela zona, para não pressionar a área [da freguesia de Nossa Senhora] de Fátima e a Ponte da Amizade, bem como o ponto de ligação na Taipa”, conclui a arquitecta.

Para Vizeu Pinheiro, a conexão da nova ponte ao eixo viário que liga com o Posto Fronteiriço das Portas do Cerco “vai permitir ter uma alternativa para o tráfego proveniente da fronteira” com Zhuhai. A nova ponte, acredita o também docente da Universidade de São José, vai garantir uma “maior fluidez” no trânsito, assim como irá diminuir o tempo na ligação entre aquela que é a fronteira mais utilizada



Ponto de chegada da quarta ponte na Zona A dos Novos Aterros Urbanos, com ligação à ilha artificial da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau



Para a construção da travessia, estão a ser utilizados elementos de alta resistência

© DIREITOS RESERVADOS



A quarta ponte reduzirá efectivamente o tráfego nas travessias existentes e aliviará o congestionamento

JOSÉ CHUI SAI PENG
ENGENHEIRO E DEPUTADO

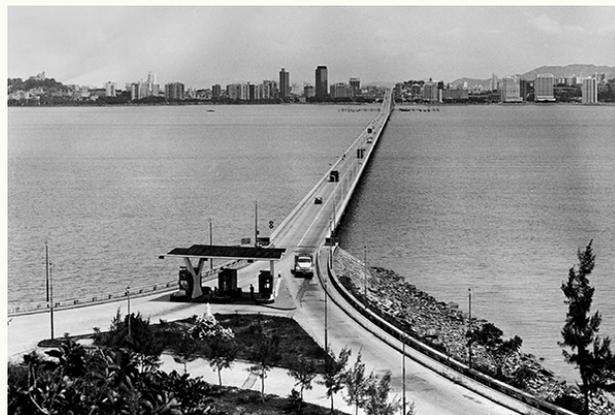
do território e os complexos turísticos do Cotai. O que será conveniente, não apenas para os residentes como também para os visitantes, observa José Chui Sai Peng. “A quarta ponte reduzirá efectivamente o tráfego nas travessias existentes e aliviará o congestionamento”, tornando a utilização de sistemas de tráfego inteligente “mais viável”.

Nas melhorias do tráfego, Vizeu Pinheiro antevê ainda como positivo o túnel que está previsto para a Colina da Taipa Grande, com acesso à quarta travessia, por ser uma forma de permitir “reduzir os engarrafamentos na Taipa”.

José Chui Sai Peng acredita igualmente que a nova ponte deverá ser, “no futuro, uma parte importante da rede de transporte regional”, pelo facto de servir para ligar a ilha artificial da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau à Taipa. Neste contexto, acrescenta, o sector da logística será um dos que irá beneficiar com a nova ligação rodoviária no território, bem como o dos transportes públicos regionais. ▲

UM TERRITÓRIO, DOIS LADOS, TRÊS PONTES

A IMPORTÂNCIA das pontes para o desenvolvimento de Macau está espelhada na própria bandeira do território. No emblema da Região Administrativa Especial de Macau, sob a flor de lótus branca, encontram-se uma linha branca, representando uma ponte, e, por baixo desta, quatro linhas brancas, simbolizando a água do mar. As pontes do território têm também servido, ao longo das últimas décadas, como motivo de ilustração nas notas de patacas, numa clara alusão ao seu relevo económico a nível local.



© DIREITOS RESERVADOS

Ponte Governador Nobre de Carvalho Inauguração: 1974

“Para toda a população portuguesa e chinesa, a ponte Macau-Taipa é o símbolo do futuro de Macau.” Era assim que o governador Nobre de Carvalho, em Outubro de 1969, anunciava a construção da primeira travessia rodoviária entre a península de Macau e a ilha da Taipa. Era o início do fim das deslocações de barco entre os dois lados, e o pontapé de saída para um salto enorme no desenvolvimento económico e social da Taipa (e, eventualmente, de Coloane).

As obras começaram em 1970. Projectada pelo engenheiro português Edgar Cardoso, a infra-estrutura tem 2569,8 metros de extensão e, na altura, foi considerada a ponte contínua de betão armado pré-esforço mais longa do mundo.

A travessia é inspirada nas tradicionais pontes asiáticas de bambu e a sua forma evoca o dorso de um enorme dragão, com a cabeça no Casino Lisboa e a cauda no Monumento da Taipa. Pela ponte circulam, hoje, apenas transportes públicos, sendo a única travessia onde é permitida a circulação pedonal. ▲



© LEUNG SIU PO

Ponte da Amizade

Inauguração: **1994**

Com 4700 metros de extensão, liga a zona norte do Reservatório, junto ao Terminal Marítimo de Passageiros do Porto Exterior, à zona do Pac On, na Taipa, perto do Aeroporto Internacional de Macau (e agora do Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa, oficialmente inaugurado em 2017). A Ponte da Amizade tem como função interligar os três tipos de vias de comunicação: marítima, rodoviária e aérea.

A construção começou em 1990. Os dois pontos mais elevados estão a 37 metros do nível da água. A ponte é suspensa por tirantes, construída com vigas e em betão, com uma forma ondulada.

A abertura da ponte ficou marcada por um desfile de dança do dragão envolvendo mais de dois mil figurantes, com Macau a estabelecer um novo recorde do mundo nesta modalidade. ▲



© CHEUNG MAN WA

Ponte de Sai Van

Inauguração: **2004**

Liga a zona sudoeste da península de Macau, junto ao Lago Sai Van, à zona noroeste da ilha da Taipa. A sua construção teve início em Outubro de 2002. A ponte abriu ao público em Janeiro de 2005, embora a inauguração tenha acontecido a 19 de Dezembro do ano anterior, pelo então Presidente da República Popular da China, Hu Jintao.

Tem uma extensão de 2200 metros e é a primeira ponte suspensa por cabos do território. Possui dois tabuleiros, sendo o inferior destinado ao tráfego rodoviário em caso de sinal n.º 8 ou superior de tempestade tropical, quando o tabuleiro superior é encerrado, a par das pontes Governador Nobre de Carvalho e da Amizade. O tabuleiro inferior da Ponte de Sai Van está actualmente a ser preparado para também receber a futura ligação do Metro Ligeiro entre a península de Macau e a Taipa.

Os dois pilares principais da ponte têm o formato da letra “M”, a primeira letra da palavra “Macau”, assemelhando-se também ao algarismo romano “III” e árabe “3”, para assinalar o facto de ser a terceira ponte de Macau. A infra-estrutura possui uma forma arqueada, simbolizando duas pétalas de uma flor de lótus. ▲

Com quase uma década de estórias na Rua de Cinco de Outubro, o Mercado Nocturno Hong Kung é um cartão de visita de um dos bairros mais antigos de Macau. Mais do que contribuir para revitalizar o comércio tradicional, o mercado é muitas vezes o ponto de partida para uma jornada empreendedora

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

É UM ponto de encontro para os locais, um lugar com muita animação e um espaço onde as tradições se vão mantendo vivas. Todas as noites, aos fins-de-semana, uma rua usualmente deserta – num dos bairros mais antigos de Macau – enche-se de vida, com o apregoar dos vendedores e o burburinho das multidões que procuram algumas das mais típicas iguarias locais.

São mais de 60 barracas e stands que se condensam na Rua de Cinco de Outubro, mesmo junto à Avenida de Almeida Ribeiro, uma das principais vias que dissecam a cidade. Produtos culturais e criativos locais dividem o protagonismo com jogos tradicionais e bancas de

MERCADO NOCTURNO HONG KUNG

Criar raízes

petiscos típicos que fazem as delícias de quem visita o Mercado Nocturno Hong Kung.

Orquestrado pela Federação da Indústria e Comércio de Macau Centro e Sul Distritos, aquele que é conhecido como o primeiro mercado nocturno regular de Macau abre agora todos os sábados e domingos entre as 18h00 e as 22h00. “Temos que solicitar ao Governo a cada três meses o uso desta parte da Rua de Cinco de Outubro, mas temos a sorte de ter o apoio das autoridades e de todos os sectores da comunidade, o que permite organizar o mercado todos os fins-de-semana”, diz Lei Cheok Kuan, presidente da federação, à Revista Macau.

Rejuvenescer o bairro

Um dos objectivos do mercado nocturno passa por apoiar o rejuvenescimento do antigo bairro, incluindo a Rua de Cinco de Outubro e a zona do Porto Interior, cujo comércio viveu tempos dourados nos anos 1950 e 1960, quando o Porto Interior era o principal centro de transportes que ligava Macau a Hong Kong e a várias cidades do Interior da China.



para o futuro



O mercado nocturno na Rua de Cinco de Outubro é realizado regularmente há quase dez anos

“Este bairro perdeu alguma vivacidade, pelo que decidimos apresentar um projecto comercial, há alguns anos, para estimular o comércio nesta zona da cidade”, conta Lei Cheok Kuan. “Fizemos, naquela altura, um levantamento sobre os negócios na Rua de Cinco de Outubro e quase nove em cada dez lojas estavam fechadas.”

A associação liderada por Lei Cheok Kuan lançou, em 2013, o projecto do mercado nocturno, oferecendo petiscos típicos, lembranças e jogos tradicionais, avivando as

memórias dos anos dourados de um dos mais antigos bairros da cidade. Após alguns anos, o projecto foi, em 2017, rebaptizado com o actual nome, Mercado Nocturno Hong Kung, realizado com maior frequência e mostrando influências de diferentes bairros de Macau.

“No início, o mercado nocturno tinha apenas cerca de 30 stands, mas agora temos mais de 60. Para além da quantidade, há também uma maior oferta gastronómica e de produtos culturais e criativos”, refere Lei Cheok Kuan. “Por exemplo,

já existem alguns stands de petiscos macaenses e até artigos com um toque português”, acrescenta. “Através de iniciativas como o mercado nocturno, esperamos atrair algumas pessoas para estes bairros comunitários e ajudar a revitalizar as zonas mais tradicionais da cidade.”

Mais abrangente

O A Chi, um estabelecimento de massas e sopa de fitas, é um dos principais pontos de atracção do mercado. Em operação há cerca de



Shu vende iguarias tradicionais no mercado de rua desde 2018

três décadas na Travessa da Dorna, uma zona adjacente à Rua de Cinco de Outubro, o estabelecimento serve as suas iguarias no seu próprio espaço durante o dia, e aos fins-de-semana, quando o sol se põe, confecciona no mercado petiscos com base na gastronomia cantonesa.

Segundo Lei Cheok Kuan, o estabelecimento A Chi tem obtido “muito bons resultados nos últimos anos, em parte porque o mercado nocturno ajudou a loja a angariar novos clientes, que se tornaram fregueses regulares do estabelecimento”.

Também presença assídua no mercado, o restaurante de churrasco Siu Che tem colhido os benefícios da iniciativa. O espaço, que ostenta o nome do proprietário, lançou o negócio como uma barraca de churrasco na praia de Hác-Sá há cerca de quatro décadas, antes de se mudar para o Mercado Municipal de S. Lourenço. A filha começou a assumir o negócio há quase dez anos, quando o estabelecimento começou a participar no mercado nocturno. “O Hong Kung certamente ajudou-nos a alargar a nossa base de clientes – alguns dos nossos clientes no Mercado Municipal de S. Lourenço procuram por nós no mercado nocturno e vice-versa”, diz a responsável.

Evolução permanente

O estabelecimento Siu Che também se juntou a outros eventos locais, como o Festival de Gastronomia de Macau, mas o Mercado Nocturno Hong Kung continua a reunir as



Esperamos atrair algumas pessoas para estes bairros comunitários e ajudar a revitalizar as zonas mais tradicionais da cidade

LEI CHEOK KUAN
PRESIDENTE DA
FEDERAÇÃO DA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE MACAU CENTRO
E SUL DISTritos

preferências entre a sua clientela. “Comparado com outros arraiais ou festivais gastronómicos, o Hong Kung tem a melhor infra-estrutura, oferecendo muitas mesas e cadeiras para os clientes apreciarem a comida”, diz a filha de Siu Che. “O mercado nocturno também evoluiu ao longo dos anos com mais actividades temáticas

para atrair um maior número de visitantes. O organizador também nos apoia em caso de dúvidas, para que possamos nos concentrar apenas no sucesso dos nossos negócios.”

Só este ano o mercado nocturno já acolheu uma série de actividades para tornar a iniciativa mais apelativa. Entre elas contam-se alguns jogos desportivos para crianças, oficinas de artesanato e culinária com o tema relacionado com os Barcos-Dragão e até um palco para motos Harley-Davidson.

“A lista de comerciantes também é ajustada a cada trimestre com alguns novos restaurantes e lojas, para manter a experiência dinâmica para os visitantes que nos visitam com frequência”, conta Lei Cheok Kuan. Outra grande mudança, que foi ocorrendo ao longo dos anos, foi a inclusão de mais elementos que visam atrair famílias, como máquinas de jogos e diversão para os mais jovens, com o objectivo de aliciar tanto os residentes como os turistas, acrescenta.

Residentes e turistas

Os residentes de Macau são os principais consumidores no mercado nocturno, no período marcado pela pandemia da COVID-19. De acordo com estimativas da organização, os moradores locais representam agora cerca de 80 a 90 por cento dos visitantes do mercado, em contraste com uma divisão uniforme entre residentes e turistas antes da crise de saúde pública.

Emily Lam e a sua família, que moram nos arredores da Rua de Cinco de Outubro, visitam o mercado nocturno cerca de uma vez por mês. “Às vezes, quando não queremos cozinhar e pensamos no que jantar, visitamos o Hong Kung, que tem uma variedade de opções gastronómicas”, diz Emily Lam. “Definitivamente, o número de stands de jogos e actividades

recreativas no Mercado de Hong Kung tem vindo a crescer nos últimos tempos, (...) tornando o evento não apenas atraente para os turistas, mas também para os moradores.”

Já um grupo de três amigos de Guangzhou, na província de Guangdong, visitou o mercado nocturno pela primeira vez este ano, depois de ter recebido várias

recomendações de outras pessoas no Xiaohongshu, uma plataforma digital popular entre os consumidores no Interior da China. “Em comparação com as ofertas de hotéis e resorts, parece que podemos ter uma melhor compreensão da cultura e costumes locais através do Mercado Nocturno [Hong Kung]”, diz à Revista Macau um dos membros do grupo.

Aprender com o passado

A ZONA da Rua de Cinco de Outubro e do próprio Porto Interior não é alheia às iniciativas de dinamização do cenário empresarial local, tendo como exemplos o actual Mercado Nocturno Hong Kung e, em anos passados, o Tai Tat Tei (que significa em cantonês, numa tradução literal, uma grande parcela de terra).

“Na verdade, de tempos a tempos, houve vários tipos de actividades semelhantes a bazares e carnavais, na esperança de aumentar o volume de visitantes e as actividades comerciais neste distrito, com algumas destas iniciativas realizadas até antes da transferência [de administração em 1999]”, diz Lei Cheok Kuan, presidente da Federação da Indústria e Comércio de Macau Centro e Sul Distritos, organizador do Mercado Nocturno Hong Kung.

O Tai Tat Tei, que decorreu nos anos de 2000 e 2001, junto à Ponte Cais 16 – num terreno onde hoje se situa um imponente hotel –, foi realizado com a colaboração entre órgãos governamentais e associações locais. Com elementos gastronómicos, jogos, diversões e actividades culturais, o evento foi, na altura, um dos principais impulsionadores do comércio comunitário, atraindo residentes e turistas a um dos bairros mais característicos da cidade. ▲

Estimular o empreendedorismo

Além de revitalizar o antigo bairro da Rua de Cinco de Outubro, o mercado nocturno também serve de plataforma para o ganha-pão dos moradores ou até para estimular o empreendedorismo entre a comunidade local. Foi através do Mercado Nocturno de Hong Kung que Shu, dona de casa e mãe de dois filhos, ganhou coragem para lançar, em 2018, um negócio de venda de iguarias tradicionais que confeccionava em casa, com destaque para uma variedade de dim sums, bolinhos de camarão e algumas sobremesas típicas.

“Este negócio é um meio para eu ganhar algum dinheiro para ajudar nas despesas familiares. O mercado nocturno, que só abre aos fins-de-semana, também se enquadra com a minha agenda, pois preciso de cuidar dos meus dois filhos durante a semana”, explica.

É uma história com contornos semelhantes, mas algo diferente, para o recém-chegado Alan Lam,

um ex-funcionário de um complexo de entretenimento local, que se viu confrontado com a necessidade de dar um novo rumo à sua vida profissional. Desde Janeiro deste ano que Alan Lam está à frente de um stand de petiscos fritos e

sobremesas com o nome de “Mr Potato”. “Sempre tive uma paixão por cozinhar e, com a necessidade de encontrar um novo emprego, achei que era altura de tentar lançar o meu próprio negócio na área da gastronomia”, conta à Revista

Macau. “Ouvi falar do Hong Kung, que é o primeiro mercado noturno da cidade, e decidi tentar.”

“É uma boa plataforma para pessoas como nós que desejam iniciar o seu próprio negócio, porque podemos testar as águas e verificar se as nossas ofertas são adequadas para o mercado”, comenta Alan Lam. Satisfeito com o desempenho do negócio até ao momento, o empreendedor integrou também um mercado gastronómico realizado em Junho, na Taipa, para procurar expandir a base de clientes. “Se surgirem oportunidades no futuro, é claro que esperamos expandir o nosso negócio, que tem como base o stand em Hong Kung”, acrescenta.

Vários grupos de estudantes de universidades locais também lançaram, recentemente, os seus próprios stands no mercado noturno para ganhar alguma experiência na área da gestão do seu próprio negócio, conta Lei Cheok Kuan, ilustrando com os apoios providenciados pelo Governo de Macau ao incentivo do empreendedorismo jovem. “O custo e o investimento para montar um stand no mercado noturno são bastante reduzidos em comparação com uma loja física, e o Hong Kung oferece espaço para as pessoas tentarem e falharem, permitindo minimizar os riscos na jornada do empreendedorismo”, diz o presidente da associação organizadora. “É apenas mais um exemplo que comprova o valor do Hong Kung para a cidade”, sublinha. ▲



Alan Lam diz que o mercado noturno Hong Kung foi uma boa plataforma para lançar o seu negócio

CESL ASIA

Sabores alentejanos com

A agro-pecuária é um dos ramos de negócio em que a CESL Asia, grupo empresarial de Macau, decidiu apostar em Portugal. Hoje, a sua subsidiária Monte do Pasto exporta carne de bovino portuguesa para o território, tendo recentemente enviado o primeiro contentor de produtos para Hong Kong

Texto | Catarina Brites Soares

HÁ CERCA de duas décadas que o Governo Central promove a ligação – nomeadamente comercial – com os países de língua portuguesa, tendo Macau como plataforma. A isso soma-se a ênfase colocada na promoção da diversificação económica do território e, mais recentemente, no projecto de desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. O grupo empresarial local CESL Asia tomou nota das prioridades e decidiu alinhar o seu rumo. Escolheu Portugal para investir e apostou em duas áreas que considerou corresponderem às prioridades do Interior da China: energias renováveis e produção de carne. Hoje, diz o presidente, António Trindade, são o maior exportador

português de bovinos, através da subsidiária Monte do Pasto.

“A CESL Asia fez um balanço há cerca de dez anos e alinhámos a nossa estratégia empresarial com a da China. Foi por isso que resolvemos expandir a actividade para Portugal”, contextualiza. “A ideia não era só investir, mas usar os recursos que temos em Macau para desenvolver capacidades em Portugal que pudessem completar e enquadrar o desenvolvimento das economias da China, Portugal, Europa e dos países de expressão portuguesa”, detalha.

A par do investimento em centrais de produção de energia solar, a CESL Asia – fundada em Macau em 1987 – comprou em 2019 o grupo Monte do Pasto, numa transacção avaliada em 37,5 milhões de



tempero de Macau



Números do grupo Monte do Pasto

30.000

Produção de cabeças de gado/ano

>10%

Quota de mercado da produção de bovinos em Portugal

>90%

Volume de negócio proveniente de exportações

O grupo Monte do Pasto é um dos maiores exportadores de bovinos vivos da Península Ibérica

euros, de acordo com informação divulgada na altura. O grupo de agro-pecuária, com operações no Baixo Alentejo, detém uma das maiores áreas agrícolas contínuas em Portugal. “Considerámos o negócio alimentar por duas questões: o crescimento populacional da China e do mundo, e o desafio da sustentabilidade”, explica António Trindade.

A aposta, entretanto, cresceu. Em Junho, o Monte do Pasto concluiu a aquisição da Herdade das Gregas de Cima, com 455 hectares, elevando para 4200 hectares a área de actividade agro-pecuária sob o seu controlo.

Qualidade e sustentabilidade

A população mundial continua a aumentar, mas os terrenos disponíveis não, diz António Trindade, que acrescenta que será preciso alimentar 30 a 40 por cento mais pessoas nas próximas décadas – a população mundial rondará 9,7

mil milhões em 2050, segundo as Nações Unidas – e, possivelmente, com cada vez menos recursos.

“A agricultura, a par da conquista do espaço, é o último desafio da Humanidade”, afirma o presidente da CESL Asia. Segundo acrescenta, o Interior da China enfrenta questões ligadas à necessidade de garantir alimentação suficiente para aquela que é a maior população do mundo. “Por isso, decidimos investir na agricultura, privilegiando a sustentabilidade, a segurança alimentar e a qualidade”, refere.

Uma das áreas em que o Monte do Pasto se destaca em Portugal é enquanto exportador de bovinos vivos. António Trindade garante que é “o maior no país e um dos maiores da Península Ibérica”. No ano passado, vendeu cerca de 30 mil cabeças de gado, tendo comprado perto de 20 mil animais a agricultores da região, para recria.

Paralelamente à venda de gado vivo, o Monte do Pasto também exporta carne congelada embalada,

sob a marca que criou, “True Born”. “Pensamos que, dentro de quatro a cinco anos, venderemos pelo menos tanta carne congelada como bovinos vivos. No entanto, o valor acrescentado da carne pode ser três ou quatro vezes superior. Isto significa mais economia e controlo de longo prazo”, sublinha António Trindade.

A marca já é comercializada em Portugal e Macau. O primeiro contentor para Hong Kong foi enviado há um par de meses. Dentro de um ano, espera o empresário, a média de envios para a região vizinha deve andar entre cinco e dez contentores por mês.

No que toca a Macau, justifica, os números são outros, por ser um mercado de menor dimensão. Num ano, foram enviados três contentores para o território. “O consumo relevante em Macau é nos grandes estabelecimentos comerciais, como casinos e restaurantes, mas o nosso alvo é o consumidor final”, explica António Trindade. Ainda assim, o empresário salienta que um dos melhores restaurantes locais, localizado num dos principais resorts integrados do território, “tem agora um menu especial e opções de comida sustentável” tendo como base produtos da marca “True Born”.

Próxima meta: Interior da China

Um dos objectivos do Monte do Pasto é a comercialização dos seus produtos no Interior da China. Em 2019, Portugal assinou um acordo

© MACAO MAGAZINE/ALEXANDRE MARQUES



A certificação de pecuária de baixo carbono é uma mais-valia do Monte do Pasto

de cooperação com a China para viabilizar a exportação de várias categorias de produtos alimentares portugueses para o Interior da China, incluindo carne de bovino. Estão agora em curso negociações técnicas de forma a tornar esse acesso uma realidade.

São questões derivadas de “aspectos económicos, políticos e administrativos”, indica António Trindade. “Esta carne é necessária no mercado do Interior da China, que tem défice, e é rara pela qualidade”, reforça.

O empresário esclarece que o Monte do Pasto vende toda a sua produção anual e que, portanto, a marca não está em busca de mercados adicionais. “Estamos à procura do nosso mercado, que é o chinês, que tem necessidade e que pensamos que pode ser transformado por este produto.”

António Trindade acrescenta: “O que nos motiva não são questões egoístas como a de aumentar a rentabilidade do Monte do Pasto – que vai aumentar, obviamente –, mas sim a convicção de que vamos acrescentar. O nosso negócio pode ser uma forma de diversificar a economia de Macau. Podemos criar aqui salas de desmanche de carne, de empacotamento, e isto tudo tem um valor enorme para Macau, para a Grande Baía e para o resto da China”, argumenta.

A forma de produção, assente na sustentabilidade, é o garante da qualidade dos produtos do Monte do Pasto e o que os diferencia,



O nosso negócio [de agro-pecuária em Portugal] pode ser uma forma de diversificar a economia de Macau

ANTÓNIO TRINDADE
PRESIDENTE DO GRUPO
EMPRESARIAL CESL ASIA

salienta o presidente da CESL Asia. São seguidas práticas como a utilização de mecanismos de regulação natural, o que leva à preservação e melhoria da fertilidade dos solos, bem como à promoção da biodiversidade, sendo igualmente cumpridos critérios éticos e sociais. A certificação de pecuária de baixo carbono é uma das mais-valias do grupo, algo que exige que o balanço

entre o carbono emitido e o sequestrado seja neutro.

No que respeita às embalagens de carne congelada “True Born”, António Trindade destaca que as doses são pensadas para evitar o desperdício alimentar. “Nesse sentido, estamos a criar novos hábitos”, defende. “Cerca de 30 a 40 por cento da comida desperdiçada está no lixo doméstico.”

Sobre até que ponto a carne bovina é uma aposta de futuro face aos impactos da sua produção, o empresário afirma que o que não faz sentido é continuar a produzir-se como no passado. “Não existe melhor proteína que a animal. A maior parte das proteínas modernas feitas em laboratório são soluções acessíveis somente para comunidades ricas e possuem qualidade questionável para o consumo humano. A melhor solução é tratar bem dos animais, como já fazemos.”

Os animais comercializados pelo Monte do Pasto, enfatiza, têm ciclos de vida de 18 meses. São acompanhados por dietistas, tanto os de pasto como os que estão nos denominados “packs de engorda”. “Hoje, é muito difícil fazer-se o trajecto do consumidor ao produtor. Com a ‘True Born’, é perfeitamente possível. Cada animal tem a sua identificação e história. Não tomam medicamentos, nem antibióticos para engordar”, garante o empresário. “É o uso do conhecimento para produzir alimentação de qualidade e sustentável. Tenho a certeza que é uma opção de futuro.” ▲



O casal Wong gere a Casa de Bolos Man Kei há mais de três décadas, agora com a ajuda do filho

TRADIÇÃO

Fiel ao sabor e amiga da saúde

O tradicional não significa intocável para a Casa de Bolos Man Kei. As receitas consagradas foram aperfeiçoadas para continuar a deliciar os clientes, que podem comer sem culpas e manter uma dieta saudável. O negócio é um sucesso e tem sobrevivido à crise pandémica

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

OS DOCES tradicionais chineses têm tanto de sabor e aroma como de teor de açúcar e calorias. É por isso que, apesar de deliciosos, os famosos rolinhos de ovo, os “pastéis da esposa”, os folhados com recheios diferentes e os “biscoitos de frango” feitos com banha de porco são evitados pelos consumidores mais preocupados em manter uma alimentação saudável. Mas a consagrada empresa local Casa de Bolos Man Kei tem se empenhado ao longo de vários anos em oferecer “receitas mais saudáveis”, adaptadas ao estilo de vida urbano moderno. Para experimentar, é só ir até à Rua do Cunha, na Taipa. “As pessoas hoje em dia são mais exigentes. Se a comida não for deliciosa e saudável, nunca mais voltarão.” Quem o diz é Wong Kim Man, responsável por esta marca de iguarias e doces típicos, juntamente com a sua esposa, desde 1987. Antes de o casal Wong assumir o comando do negócio e baptizar a loja como Man Kei, esta era explorada por um pasteleiro amigo da família. O comerciante oriundo de Hong Kong abriu a loja na década de 1960, vendendo doces e sobremesas de estilo Chiuchow, também conhecido como Chaozhou, que é o nome de uma cidade no leste da província de Guangdong.



A loja especializou-se na produção de vários doces tradicionais chineses

“Eu era taxista, mas, juntamente com a minha mulher, às vezes ajudávamos o nosso amigo na loja, e fomos aprendendo a fazer estes pastéis com o mestre”, conta Wong Kim Man à Revista Macau. “Um dia, o nosso amigo queria se aposentar e voltar para Hong Kong, e perguntou-nos se estávamos interessados em ficar com o negócio. Nós dissemos que sim”, relembra.

Menos açúcar, pouco óleo

Uma das primeiras coisas que o casal Wong fez na qualidade de novos proprietários da loja foi melhorar as receitas. “Os doces do estilo Chiuchow são conhecidos pela sua doçura, por isso tentámos colocar menos açúcar nos produtos para torná-los mais atraentes para a maioria do público”, explicam. “Ao longo dos anos, também notámos que as pessoas prestam cada vez mais atenção à sua saúde e dieta, por isso aperfeiçoamos constantemente as nossas receitas e usamos o mínimo de açúcar e óleo possível, sem prejudicar o sabor.”

A dupla também expandiu a variedade de produtos da Casa de Bolos Man Kei para chegar a clientes de todas as camadas sociais. No início, começaram a confeccionar apenas doces de estilo Chiuchow, mas aos poucos especializaram-se em todos os tipos de doces tradicionais chineses que estão disponíveis para venda nos dias de hoje, incluindo comidas de rua como os waffles. Todos estes produtos são de confecção própria na fábrica localizada no andar por cima da loja, gerida pelo casal com a ajuda do filho e de alguns funcionários. “Os nossos produtos geralmente só podem ser armazenados durante um período de três a sete dias, porque não usamos conservantes e pigmentos artificiais”, salientam os proprietários. “Não são apenas os clientes que consomem os nossos produtos. Nós também consumimos os nossos próprios doces. Por isso, prestamos atenção aos detalhes para garantir

que sejam o mais saudáveis e deliciosos possível”, acrescentam.

A produção da Casa de Bolos Man Kei realiza-se numa base diária, dependendo do stock e da procura dos clientes. “Como os nossos produtos só podem ser armazenados por um curto período de tempo, não fazemos muitos de uma só vez. Durante os dias de pico, temos que fazer várias fornadas de doces para atender às necessidades dos clientes”, revelam os proprietários.

Esta prática diária de operação manteve-se nos últimos três anos, mesmo quando o número de clientes caiu devido à pandemia da COVID-19. Esta prática diária de operação manteve-se nos últimos três anos, mesmo com o impacto da pandemia da COVID-19 no ambiente de negócios da cidade. Apesar de Macau ter mantido aberta a circulação livre de quarentena com o Interior da

China – a maior fonte de turistas –, o número de clientes caiu em paralelo com a redução no número de turistas.

“Agora apenas confeccionamos pequenas quantidades de produtos todos os dias. Se não tivermos disponíveis os produtos que os clientes querem nas prateleiras, pedimos que façam uma encomenda e voltem no final do dia ou no dia seguinte, após a confecção dos pastéis”, explicam.

Compromisso com a qualidade

O volume de negócios da loja registou uma quebra de cerca de 80 por cento desde o início da pandemia e a clientela é agora maioritariamente local. Segundo os proprietários, os últimos três anos têm sido os “mais árduos de todos os tempos”.



Os doces e outras iguarias são produzidos diariamente para garantir a qualidade



“Antes de todos estes complexos hoteleiros serem construídos e do ‘boom’ da indústria do turismo local [nos anos 2000], também não havia muitos clientes, mas os custos operacionais eram muito menores”, salientam. “Não aumentámos os preços dos nossos produtos, apesar da subida dos custos dos ingredientes, porque não queremos afugentar os clientes que nos restam.” Embora algumas empresas locais tenham optado pelo comércio electrónico transfronteiriço para tentar explorar o mercado do Interior da China nos últimos anos, o casal Wong descarta essa possibilidade devido ao curto período de armazenamento dos seus produtos. “Não queremos comprometer a qualidade”, enfatizam. Por outro lado, a promoção online de marcas locais consagradas pelo tempo, realizada pelo Governo de Macau, trouxe alguns resultados frutíferos. Por exemplo, alguns influenciadores digitais foram convidados a visitar a Casa de Bolos Man Kei e outras lojas locais para fazerem vídeos curtos e divulgarem-nos nas suas plataformas das redes sociais populares no Interior da China, como o Xiaohongshu. “Vimos um grande aumento no número de clientes após as visitas dos influenciadores. Estes têm sido uma grande ajuda”, garantem.

Em comparação com outras lojas da zona da Rua do Cunha, local muito famoso entre turistas pela oferta de lembranças gastronómicas, o casal Wong diz que a Casa de Bolos Man Kei é a que segue um modelo “menos comercializado”, ou mais tradicional.

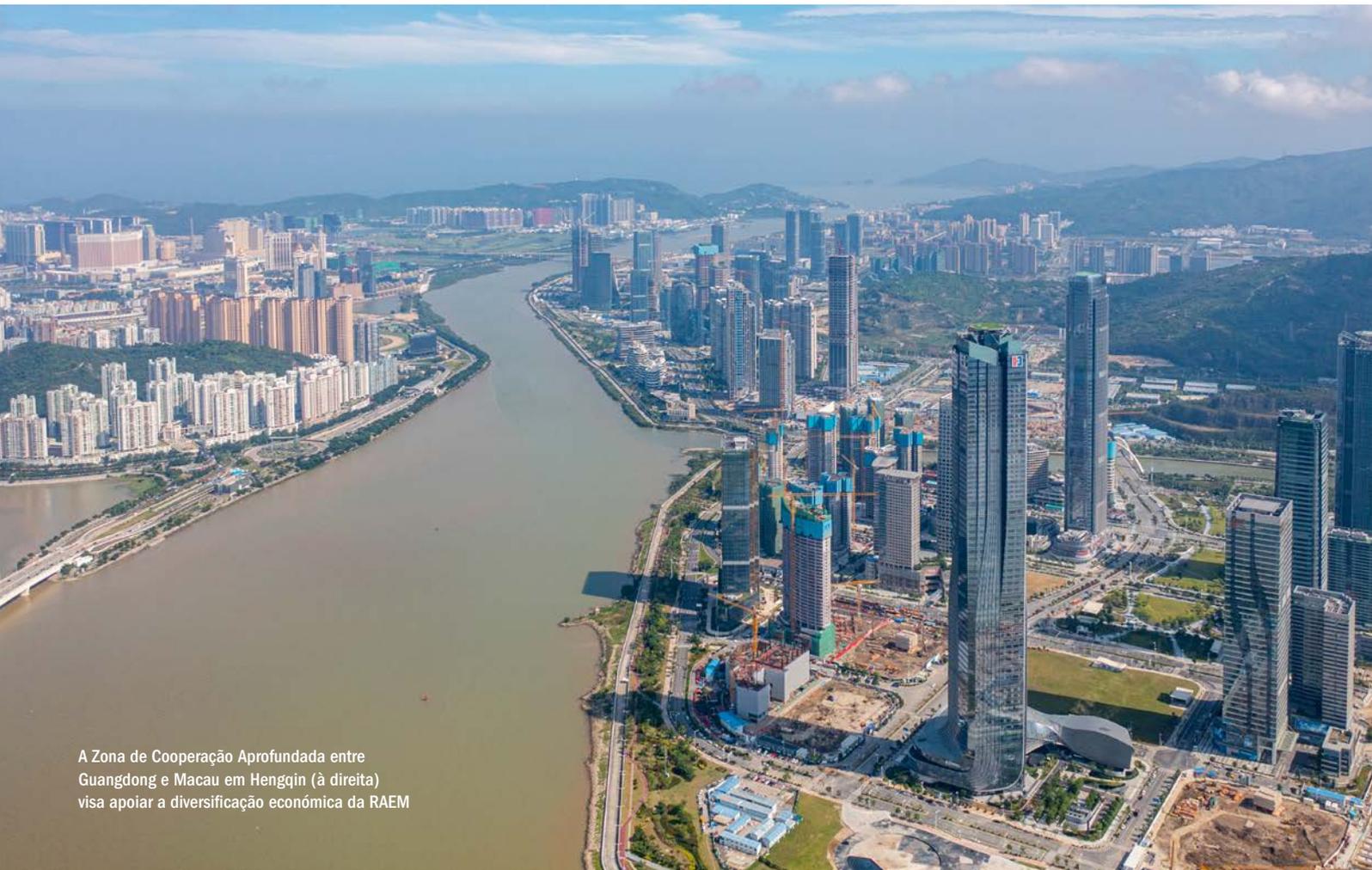


“As pessoas hoje em dia são mais exigentes. Se a comida não for deliciosa e saudável, nunca mais voltarão

WONG KIM MAN
GERENTE DA CASA DE BOLOS MAN KEI

“Quando começámos, as pessoas e os comerciantes da zona eram próximos, como amigos. Se recebíamos um pedido e não tivéssemos tempo e pessoal suficiente para garantir a produção na hora, os comerciantes vizinhos davam-nos uma ajuda a confeccionar algumas travessas de doces, enquanto outros vinham ajudar a amassar”, recordam.

“A zona agora tem uma dinâmica diferente com a entrada de muitos grandes operadores e o nosso negócio é apenas uma exploração familiar que não consegue facturar muito dinheiro”, sublinham. ◀



A Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin (à direita) visa apoiar a diversificação económica da RAEM

© CHEONG KAM KA

COOPERAÇÃO NA GRANDE BAÍA

Hengqin e Qianhai, duas faces de uma mesma ambição

Hengqin e Qianhai viram, há um ano, o seu papel reforçado no que toca à promoção da cooperação entre a província de Guangdong e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. Se os empresários da RAEM vêem nas zonas de cooperação novas oportunidades de crescimento, há recomendações quanto à necessidade de elevar a competitividade local para assegurar uma integração de sucesso na Grande Baía

Texto | Viviana Chan*

FOI há um ano, em Setembro de 2021, que o Governo Central promulgou o “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, tendo na mesma altura lançado o “Projecto de Reforma e Abertura da Zona de Cooperação da Indústria de Serviços Modernos Shenzhen-Hong Kong em Qianhai”. As duas zonas – na província de Guangdong, respectivamente nos municípios de Zhuhai e Shenzhen – reflectem uma iniciativa sem precedentes, rumo a uma maior integração regional, em consonância com as “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, publicadas em Fevereiro de 2019 pelo Comité Central do Partido Comunista Chinês e pelo Conselho de Estado.

Doze meses volvidos, foram registados avanços significativos em relação a ambos os projectos. Os membros dos órgãos de administração da zona de cooperação aprofundada em Hengqin foram nomeados ainda em Setembro do ano passado e, desde então, os trabalhos não pararam. Em Dezembro, foram apresentados 12 empreendimentos considerados “essenciais”, englobando áreas como circuitos integrados, informação electrónica, biomedicina, medicina tradicional chinesa, “big health” e finanças modernas.

Em Junho deste ano, foram implementados benefícios fiscais para residentes da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a trabalhar em Hengqin, bem como para empresas. Antes, em Maio, foram lançados dois programas de estágios, oferecendo oportunidades de colocação para jovens de Macau em diferentes indústrias na zona de cooperação aprofundada de Hengqin.

Fruto dos avanços alcançados, o número de empresas da RAEM registadas em Hengqin tem vindo a aumentar: passou de quase 2000 no final de 2019 para 4934, segundo dados oficiais relativos a Junho deste ano. Já o produto interno bruto da zona de cooperação aprofundada atingiu 22,39 mil milhões de renminbis na primeira metade de 2022, um crescimento anual de 2,5 por cento.

O progresso é também óbvio no caso da Zona de Cooperação da Indústria de Serviços Modernos Shenzhen-Hong Kong em Qianhai. A zona, estabelecida em 2010 com uma área de 14,92 quilómetros quadrados (km²), passou a contar com 120,56 km², fruto do plano de reforma e abertura anunciado em Setembro de 2021.

Entre os desenvolvimentos mais recentes, conta-se um acordo assinado no final de Junho deste ano entre a Universidade de Hong Kong e as autoridades de Qianhai.

O documento visa o estabelecimento conjunto na zona de cooperação de uma instituição de investigação na área da tecnologia financeira (“fintech”) e de um parque de tecnologias avançadas.

Várias outras medidas foram implementadas em Qianhai nos últimos 12 meses. Entre elas estão políticas facilitando o acesso a diversas profissões por parte de residentes de Macau e Hong Kong, ou a introdução de novidades a nível fiscal e alfandegário, de forma a elevar o ambiente de negócios na zona de cooperação.

Alvos diferentes, mesmo objectivo

O académico Samuel Tong Kai Chung, presidente do Instituto de Gestão de Macau, explica que, apesar de visarem o mesmo objectivo global – fazer avançar a integração regional –, as zonas de cooperação de Hengqin e Qianhai seguem caminhos distintos.

“A construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin tem por finalidade promover a diversificação da economia da RAEM”, refere. “Para diversificar a economia, Macau necessita de mais recursos – por exemplo, profissionais, quadros qualificados, espaço e acesso a novos mercados”, acrescenta. A

ilha de Hengqin ajudará nesse aspecto, em particular no que toca a espaço físico: a zona de cooperação aprofundada ocupa toda a ilha, com uma área total de 106 km², o triplo da dimensão de Macau.

Em relação à zona de cooperação de Qianhai, “a política está focada na construção de uma zona pioneira de demonstração do socialismo com características chinesas”, considera Samuel Tong. “Quando a China começou a promover as políticas de abertura económica e reforma política, foram criadas cinco zonas económicas especiais. A ideia era estabelecer campos experimentais nestas zonas para ganhar experiência. Mais tarde, o Governo pôde implementar essas políticas noutras áreas do país”, recorda. “Após mais de 40 anos de abertura, no próximo passo, Qianhai será desenvolvida como zona pioneira de demonstração de uma abertura aprofundada. Essa abertura alargada poderá não só promover a cooperação com Hong Kong, mas também servir eventualmente outras zonas no Interior da China.”

Segundo o académico, as indústrias a desenvolver em Qianhai são planeadas para servir toda a China; no caso da zona de cooperação aprofundada de Hengqin, estas estão mais concentradas em apoiar o desenvolvimento de Macau. “Qianhai faz parte de Shenzhen”, uma das zonas económicas especiais de maior sucesso, “beneficiando da experiência acumulada” da metrópole no que toca a políticas

de abertura e reforma, bem como de “condições vantajosas em áreas como a inovação e disponibilidade de talentos”, recorda.

Do ponto de vista da administração das duas zonas de cooperação, Samuel Tong sublinha uma diferença essencial: a zona de Hengqin é administrada em conjunto por Macau e Guangdong. Porém, não existe um modelo similar de gestão partilhada para Qianhai, acrescenta.

Elevar a competitividade

O presidente do Instituto de Gestão de Macau destaca que, no âmbito da crescente integração regional, “as oportunidades e desafios coexistem para as empresas de Macau”. Estas terão “mais possibilidades de cooperação no futuro”, ao mesmo tempo que “enfrentarão maior competição”, diz.

A zona de cooperação aprofundada de Hengqin foca-se em quatro sectores: indústria de investigação e desenvolvimento científico-tecnológico e indústria manufactureira de alto nível; indústrias de marcas de Macau, como a indústria de medicina tradicional chinesa; indústrias culturais e turística, de convenções e exposições e de comércio; e indústria financeira moderna. “Actualmente, Macau só possui experiência em algumas áreas destes sectores”, reconhece Samuel Tong. “Assim, é oportuno para as empresas ponderarem criar uma cadeia produtiva com o apoio de Shenzhen, sobretudo

com base nos talentos e tecnologia aí existentes. Mas, por outro lado, Macau precisa de estar consciente quanto à concorrência, necessitando elevar a sua competitividade de forma urgente”, refere.

Por sua vez, Kevin Ho King Lun, presidente da Associação Industrial e Comercial de Macau, revela que os empresários locais, de uma forma geral, acreditam que “a zona de cooperação aprofundada em Hengqin vai trazer oportunidades infinitas”. Segundo acrescenta o também delegado da RAEM à Assembleia Popular Nacional, “a sociedade de Macau enfrenta falta de terrenos a longo prazo”. “É urgente termos mais espaços físicos para atrair novos investimentos, incubar novas empresas e desenvolver novas indústrias”, defende.

O empresário afirma que Hengqin e Qianhai são pontos de partida. Isto porque, na sua opinião, o papel das duas zonas de cooperação é, numa primeira fase, apoiar empresas de Macau e Hong Kong na apresentação dos seus serviços junto das outras cidades na Grande Baía, para depois, numa fase posterior, esses grupos empresariais procurarem expandir a sua presença ao resto do Interior da China.

Kevin Ho acredita que Hengqin vai alargar os horizontes do sector comercial de Macau, promovendo o empreendedorismo, incluindo através das incubadoras de negócios aí existentes. Segundo diz, a zona de cooperação aprofundada oferece aos empresários da RAEM



A Zona de Cooperação da Indústria de Serviços Modernos Shenzhen-Hong Kong em Qianhai possui diversos espaços dedicados à promoção do empreendedorismo

opções de baixo custo para o lançamento de novos projectos, entre outras vantagens. “Acredito que iremos ter um grupo de empreendedores de Macau a entrar em Hengqin no futuro, sobretudo nas áreas de medicina tradicional chinesa e alta tecnologia”, assegura.

O empresário também prevê que muitas empresas da RAEM já bem estabelecidas expandam a sua presença até Hengqin. “Isto será um teste para todos porque, por um lado, essas empresas precisam de assegurar e estabilizar os seus negócios em Macau e, por outro, têm que promover os negócios em Hengqin.”

Tomar a iniciativa

Lao Ngai Leong, empresário de Macau com vários investimentos em Hengqin, partilha da perspectiva optimista de Kevin Ho, considerando que a ilha pode servir como

plataforma para o desenvolvimento da RAEM.

“A criação da zona de cooperação aprofundada significa que foi estabelecido um regime único, o que pode beneficiar Macau”, afirma. Por um lado, sustenta, Hengqin pode oferecer mais empregos e espaços de lazer para os residentes de Macau; por outro, disponibiliza condições para a diversificação da economia da RAEM.

O também delegado de Macau à Assembleia Popular Nacional recorda que “a província de Guangdong foi pioneira na abertura e reforma da China”, alojando três das zonas económicas especiais iniciais. O empresário nota que, nesse sentido, “Macau tem falta de experiência ao nível da implementação de reformas e promoção da inovação comparativamente a Guangdong”. Por isso, diz, “é necessário que o território tome a iniciativa

no que toca ao desenvolvimento da Grande Baía – isso será chave para o sucesso”, garante.

Lao Ngai Leong sublinha ainda, no contexto do planeamento para a zona de cooperação de Hengqin, a construção do “Novo Bairro de Macau”, disponibilizando apartamentos para residentes da RAEM a preços acessíveis. O complexo, com funções integradas de habitação, saúde e educação, é visto como um projecto pioneiro em Hengqin, visando que as pessoas de Macau que optem por viver na ilha tenham acesso a serviços sociais e outros benefícios que têm como referência aqueles disponíveis em Macau.

O empresário também se mostra optimista em relação à zona de cooperação de Qianhai, afirmando que a aceleração da integração na Grande Baía irá trazer benefícios para a RAEM, particularmente se a proposta para criação de uma ligação entre a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau e Shenzhen avançar. Isto porque, com essa segunda ponte, a zona oeste da Grande Baía teria um melhor acesso àquela cidade.

“A ligação pode facilitar a mobilidade”, diz Lao Ngai Leong. Por um lado, empresas de Shenzhen podem beneficiar das vantagens disponibilizadas pela zona de cooperação de Hengqin, e “projectos inovadores de Hengqin e Macau podem ser incubados em Shenzhen”, usufruindo das mais-valias da metrópole no campo da logística e tecnologia. ◀

*com Emanuel Graça

ENTREVISTA

Politécnico tem novo nome e ambição reforçada: Reitor

Mais alunos, especialmente de mestrado, e uma maior oferta de disciplinas são algumas das mudanças em curso na Universidade Politécnica de Macau (UPM), diz à Revista Macau o reitor, **Marcus Im Sio Kei**. Com o novo nome veio uma maior ambição, com a instituição a apostar no desenvolvimento de conhecimento aplicado, com o objectivo de se tornar num pólo de referência na região Ásia-Pacífico

Texto | Stephanie Lai

O Instituto Politécnico é, desde Março, oficialmente denominado Universidade Politécnica de Macau. O que significa esta mudança em termos de posicionamento e no dia-a-dia da instituição?

Um aspecto em que a mudança de nome ajuda é o facto de reflectir mais adequadamente o nosso posicionamento como universidade. Com o apoio do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), pretendemos tornar-nos numa universidade focada no conhecimento aplicado e líder na região Ásia-Pacífico. Gostaríamos de continuar a impulsionar a inovação no sector do ensino superior e a melhorar a colaboração entre o mundo académico e o sector industrial e empresarial. Estamos também a trabalhar no sentido de garantir que o nosso currículo está alinhado com as necessidades do mercado, ao mesmo tempo que continuamos a aperfeiçoar a sua qualidade.

Após vários anos, a UPM já evoluiu como uma instituição que oferece múltiplas disciplinas em diversas áreas, com foco no conhecimento aplicado. Temos disponíveis vários cursos de licenciatura, mestrado e

doutoramento. Neste sentido, mesmo antes da mudança de nome, já tínhamos um sistema abrangente de promoção da educação e formação de talentos. Portanto, a mudança de nome, por si só, não alterou, em grande medida, o nosso funcionamento no dia-a-dia. A longo prazo, a meta a alcançar continua a ser a excelência académica.

O posicionamento e a ambição da UPM mantêm-se inalterados, mas a instituição tem novos objectivos no que toca à oferta de cursos?

No futuro, com base nas necessidades sociais e económicas de Macau, iremos procurar aumentar gradualmente a oferta de algumas disciplinas científicas, nomeadamente nas áreas da matemática aplicada, meios digitais e inteligência artificial.

Também iremos reforçar a oferta na área do ensino de línguas, de forma a demonstrar as credenciais da nossa instituição na área da tradução entre chinês e português. Esta missão visa contribuir para reforçar o papel de Macau como plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa.



Gostaríamos de continuar a impulsionar a inovação e a melhorar a colaboração entre o mundo académico e o sector industrial e empresarial

MARCUS IM SIO KEI
REITOR DA UNIVERSIDADE
POLITÉCNICA DE MACAU



© CHEONG KAM KA

Quais os planos da UPM para aumentar e diversificar o número de cursos de mestrado?

Os nossos actuais cursos de mestrado estão divididos em seis áreas que se adequam às necessidades de desenvolvimento de Macau, incluindo: tecnologia da informação, línguas e tradução, gestão de empresas, artes, desporto, ciências da saúde e políticas públicas. Aliás, também temos cursos de doutoramento nessas áreas.

No futuro, iremos lançar mais cursos de mestrado relacionados com tecnologia, línguas, arte e gestão empresarial. Estamos a notar uma grande procura por este tipo de cursos; na verdade, muitos estudantes – incluindo os nossos licenciados – perguntaram sobre estes cursos.

Tendo em consideração o aumento do número de cursos, pretendem também alargar a equipa docente? Isto é um desafio maior durante o período da pandemia da COVID-19?

Com o passar dos anos, a qualidade do ensino superior em Macau tem vindo a melhorar. Os nossos docentes

do Interior da China e do exterior consideram Macau um lugar perfeito para trabalhar e estão dispostos a prosseguir a carreira profissional aqui. É realmente um desafio encontrar professores qualificados, mas estamos confiantes, porque Macau é um bom lugar e a reputação da UPM também está a ser reconhecida a nível nacional e internacional. Temos confiança que iremos conseguir recrutar pessoal docente suficiente.

Temos novos professores que se têm juntado ao nosso corpo docente, mesmo durante o período de restrições devido à pandemia. Para os professores vindos de Portugal, a restrição à entrada em Macau já foi removida, portanto, o problema da contratação de docentes de Portugal está basicamente resolvido.

No que toca ao desenvolvimento da UPM, quais os principais desafios que a instituição tem pela frente?

A taxa de natalidade de Macau atingiu um dos pontos mais baixos dos últimos anos. O número de estudantes que terminam o ensino secundário também tem vindo



Iremos aumentar gradualmente a oferta de algumas disciplinas científicas e reforçar a oferta na área do ensino de línguas

MARCUS IM SIO KEI
REITOR DA UNIVERSIDADE
POLITÉCNICA DE MACAU

a diminuir. Estas tendências representam um desafio no que diz respeito ao número de estudantes locais que se matriculam na nossa instituição.

Por outro lado, à medida que avança o projecto de desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, vemos novas oportunidades de colaboração com outras instituições de ensino superior nesta região, independentemente do facto de, ao mesmo tempo, também termos um relacionamento competitivo. Em suma, ainda vemos mais aspectos positivos no que toca ao futuro, até porque esperamos que haja um maior fluxo de pessoas na Grande Baía; isso significa que o número de estudantes inscritos nas instituições de ensino superior de Macau pode até crescer se conseguirmos atrair jovens de outras zonas desta região.

O importante é que, à medida que Macau diversifique a sua economia, continuemos a primar pela excelência do nosso sector da educação e a melhorar a qualidade do nosso sistema de ensino.

Qual é o plano da UPM para aumentar o número de matrículas? Têm definida alguma proporção entre estudantes locais e não locais?

A partir do número de matrículas, podemos ver que a UPM é a principal escolha para os estudantes locais [que terminam o ensino secundário]. Embora o número de estudantes que concluem o ensino secundário tenha diminuído um pouco, isso não teve um grande impacto na nossa instituição. A diminuição foi compensada por um maior número de estudantes do Interior da China, o que fez com que a proporção destes aumentasse um pouco. Mas a maioria dos nossos estudantes ainda são locais.

Temos agora cerca de 4500 estudantes. No futuro, o nosso objectivo é aumentar esse número de 30 a 40 por cento nos próximos cinco anos, o que significa cerca de 6000 estudantes. Esta meta faz parte do nosso plano de desenvolvimento. Gostaríamos de observar um crescimento maior no número de estudantes de mestrado, com base nas necessidades da sociedade e para contribuir para a formação de quadros altamente qualificados. Nesse sentido, também esperamos aumentar

o número de estudantes locais e do Interior da China. Para os locais, há uma tendência bastante encorajadora no que diz respeito ao número de estudantes matriculados em cursos de mestrado, com muitos deles focados em aperfeiçoar as suas competências profissionais. Essa é uma boa base para o nosso crescimento. Isto também demonstra que os nossos cursos de mestrado são atraentes tanto para estudantes locais como para alunos do Interior da China.

A UPM tem procurado adaptar a sua oferta às necessidades do mercado e em colaboração com os sectores empresarial e industrial. O que é que isso significa na prática e o que é que já conseguiram alcançar?

Trabalhamos sempre em estreita colaboração com várias partes interessadas para garantir que os currículos que oferecemos correspondem às tendências actuais e às necessidades da sociedade. Ao longo dos anos, vimos alguns resultados positivos.

No aspecto educacional, estamos em constante comunicação com diferentes indústrias e entidades profissionais e, dessa forma, asseguramos que os nossos cursos são desenvolvidos de acordo com as necessidades do mercado, dando igual ênfase às componentes teórica e prática. Para os alunos locais, também ajudamos no que toca a oportunidades de intercâmbio académico ou na obtenção de estágios. Por outro lado, organizamos diferentes workshops e seminários sobre temas relacionados com inovações tecnológicas, investigação na área médica e da saúde em geral, estudos relacionados com tradução, no campo artístico e criativo, e na área de gestão de jogo.

Profissionais e académicos de renome, bem como outros especialistas em diversas áreas, são convidados regularmente para partilharem os seus conhecimentos com os nossos estudantes. Este tipo de iniciativa ajuda não só os estudantes, mas também os professores a aumentar a sua competitividade, alargando os seus conhecimentos nas respectivas áreas académicas e também na esfera profissional.

No campo da investigação científica, trabalhamos constantemente em cooperação com o sector

industrial, para garantir a aplicação real da investigação desenvolvida na nossa instituição. Actualmente, existem vários produtos patenteados que foram desenvolvidos na UPM e que são usados não só em Macau, mas também no resto do país e em alguns departamentos governamentais e instituições de ensino superior no exterior.

Pode dar alguns exemplos de casos de sucesso no âmbito da investigação na UPM?

Os nossos produtos relacionados com tradução automática, baseados em inteligência artificial, têm sido amplamente utilizados. É gratificante perceber que esta tecnologia é especialmente útil para resolver desafios linguísticos que podem surgir no âmbito do intercâmbio entre entidades da Grande Baía e dos países de língua portuguesa. Através dos esforços do Centro de Investigação de Engenharia em Tecnologia Aplicada à Tradução Automática e Inteligência Artificial



“ Temos vários projectos de colaboração com entidades do Interior da China, bem como com instituições de outros países

MARCUS IM SIO KEI
REITOR DA UNIVERSIDADE
POLITÉCNICA DE MACAU

– Ministério da Educação, conseguimos desenvolver este projecto com base na cooperação interdisciplinar e lançámos uma série de produtos de alta qualidade – assentes na inteligência artificial – que são agora amplamente utilizados.

A tradução entre chinês e português tem sido uma das principais áreas académicas da UPM. O que está a ser feito para reforçar a promoção da língua portuguesa e melhorar a qualidade do ensino e da investigação nesta área?

Há cerca de dois anos lançámos um curso de doutoramento em português, que já contou com vários estudantes. Esperamos que os projectos de investigação na área de estudos de línguas sejam aperfeiçoados e produzam ainda mais resultados.

A UPM tem, ao longo dos anos, cooperado com instituições de ensino superior em Portugal. Como pretendem alargar a rede de cooperação com instituições congéneres em Portugal ou até noutros países lusófonos? E como é que esses laços podem beneficiar os estudantes da UPM?

Estamos a trabalhar activamente para alargar a nossa rede de cooperação. A nova lei do ensino superior [de Macau] trouxe uma maior autonomia para que as nossas faculdades formulassem os seus currículos e, como resultado, os currículos estão a tornar-se mais diversificados. Há também maior flexibilidade no que diz respeito a projectos de investigação. Isso permite-nos aprofundar a colaboração com as instituições de ensino superior em Portugal.

No início, o nosso modelo de colaboração baseava-se na organização de alguns cursos conjuntos; agora, entrámos numa fase em que as duas partes podem trabalhar conjuntamente nalguns projectos de investigação científica de grande dimensão.

Temos, já há vários anos, alguns cursos de doutoramento que são organizados em conjunto com instituições de ensino superior de renome em Portugal, como a Universidade de Lisboa e a Universidade de Coimbra, o que permite que os estudantes aqui possam obter o



A UPM teve como base o anterior Instituto Politécnico da Universidade da Ásia Oriental, criado em 1981, que mais tarde se tornou no Instituto Politécnico

doutoramento sem sair de Macau. Estes cursos estão focados, primordialmente, nas áreas da educação e das tecnologias de informação.

Neste momento, estamos a preparar um curso de duplo doutoramento com a Universidade de Coimbra na área das tecnologias de informação. O trabalho nesta área está a progredir gradualmente.

Pode dar-nos alguns exemplos de projectos de investigação em colaboração com instituições congéneres de Portugal?

Por exemplo, a tradução automática é um projecto que tem avançado bastante. Nessa área, temos vindo a trabalhar em conjunto com o Instituto Politécnico de Leiria e com a Universidade de Coimbra. Outro exemplo diz respeito à conservação do património cultural

com recurso à inteligência artificial, que também tem conhecido bons avanços: temos trabalhado em conjunto com a Universidade de Coimbra na preservação do património da sua biblioteca centenária.

E como tem evoluído a colaboração com instituições de ensino superior do Interior da China?

Temos vários projectos de colaboração com entidades do Interior da China, bem como com instituições de outros países. Este ano, lançámos um curso de duplo doutoramento com a Universidade de Bolonha, na Itália, também na área das tecnologias de informação. Na verdade, isto faz parte do nosso objectivo de nos tornarmos num centro de inovação tecnológica na região da Grande Baía, e é por isso que temos lançado mais cursos relacionados com as tecnologias de informação. ◀

DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Governo chinês ajuda comunidades são-tomenses

A China continua a apoiar o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe com o lançamento de novas iniciativas que visam acabar com a pobreza nas comunidades mais vulneráveis. Um projecto piloto lançado em Dezembro apresenta já resultados encorajadores e pode em breve ser alargado a outras zonas do país

Texto | Josimar Afonso

SÃO dezenas de famílias que fazem parte de uma das comunidades mais vulneráveis de São Tomé e Príncipe e cuja determinação foi recompensada com a escolha para integrarem um projecto piloto apoiado pela China. Novas práticas de agricultura, pecuária e veterinária, e até a modernização de cozinhas, fazem parte do programa a ser implementado por uma equipa de especialistas chineses na comunidade agrícola de Caldeiras, a cerca de 20 quilómetros da capital são-tomense.

O projecto piloto apoiado pelo Governo Central faz parte da cooperação alargada com São Tomé e Príncipe, visando reduzir a pobreza e melhorar a vida das comunidades locais. A comunidade de Caldeiras tem cerca de 400 moradores, que se dedicam maioritariamente à prática da agricultura, principalmente à plantação de milho e hortaliças, bem como à criação de animais.

O Governo Central lançou o projecto piloto naquela comunidade em Dezembro do ano passado, envolvendo inicialmente 25 famílias, num total de 79 que fazem parte da comunidade. Desde então, os elementos da missão técnica chinesa visitam diariamente a comunidade para acompanhar e dar formação aos residentes locais.

“Este projecto veio para melhorar a situação de vida de cada pessoa nesta comunidade, porque muitas pessoas não tinham como ter uma criação. É de louvar este projecto porque veio apoiar muitas pessoas nesta comunidade”, sublinha Anastácio Fernandes à Revista Macau.

O jovem criador e horticultor de 27 anos dedica-se a esta actividade há mais de 15 anos e foi beneficiado



“É de louvar este projecto porque veio apoiar muitas pessoas nesta comunidade

ANASTÁCIO FERNANDES
CRIADOR E HORTICULTOR NA
COMUNIDADE DE CALDEIRAS



A missão chinesa ofereceu novos tipos de sementes aos agricultores na comunidade de Caldeiras

© DIREITOS RESERVADOS

com cerca de 50 pintos no âmbito do projecto de redução de pobreza. Passados alguns meses, prepara-se agora para colher os primeiros ovos para comercialização e sustento da sua família.

Segundo Anastácio Fernandes, o projecto de redução da pobreza na comunidade de Caldeiras ajudou a melhorar a sua criação e a de muitos outros criadores de animais, na medida em que, além de apoios materiais, incluindo o “aumento de rações para galinhas”, também têm recebido “formação sobre como cuidar das galinhas e saber gerir a criação”. “A maneira que eles deram esta formação foi muito bem estruturada. No meu caso, mesmo se eles nos deixarem, neste momento, eu consigo dar

continuidade ao tratamento destas galinhas”, diz Anastácio Fernandes.

Novas colheitas e técnicas

No campo da agricultura, a missão técnica proporcionou novas plantações de beringela, couve, tomate, repolho, pimentão, entre outras, provenientes da China, e instalou várias estufas para os horticultores da comunidade de Caldeiras, que são assessorados com novas técnicas de plantação, cultivo e irrigação gota a gota.

Adelino Silva Nunes também anda nestas lides há mais de 15 anos e afirma que, devido a este projecto, a sua “forma de fazer agricultura mudou bastante”. “Eu



“ O projecto vai transformar não só a escola, mas toda a comunidade e há uma satisfação enorme

AYRES QUARESMA
DIRECTOR DA ESCOLA PRIMÁRIA
DE CALDEIRAS

ganhei muito, tive a técnica dos chineses e fiquei muito satisfeito porque eles sempre nos deram muito apoio aqui na comunidade de Caldeiras. Nós tínhamos uma praga, mas a equipa técnica chinesa veio dar-nos apoio para combater esta praga”, conta Adelino Silva Nunes.

O projecto está também a transformar a horta e cozinha da escola primária de Caldeiras e do jardim da comunidade.

“Eles vieram com o objectivo de ajudar a comunidade e trouxeram tantas orientações no sentido de desenvolver a comunidade. E nós, na escola, também fomos beneficiados”, refere o director da escola primária, Ayres Quaresma.

Nesta escola foi instalada uma estufa de apoio à produção agrícola, com o objectivo de melhorar a dieta alimentar dos alunos, bem como de apoiar a obtenção de rendimentos extras, resultante da venda dos excessos da produção.

“Veio melhorar o nosso cultivo, tendo em conta que nos trouxeram variados tipos de sementes e, com



orientação deles, tivemos melhores resultados com as plantas que cultivámos e as plantas serviram bastante para a alimentação das crianças, para a comunidade... E também ofertamos para alguns lugares e comercializamos para alguns estabelecimentos”, explica Ayres Quaresma.

A prática do cultivo com técnicas chinesas também tem sido transmitida aos alunos que visitam a horta da escola para aprenderem como se cultiva a terra e ganharem consciência da importância da agricultura para São Tomé e Príncipe.

“De vez em quando, nós sensibilizamos as crianças sobre o funcionamento da horta [...] é um conhecimento que está a abranger toda a comunidade, incluindo as crianças”, disse o director da escola.

Projecto bem recebido

Por outro lado, segundo Ayres Quaresma, o projecto piloto apoiou a “construção de uma cozinha de melhor qualidade com um fogão onde não se sujeita ao fumo, não há problemas de intoxicação, poupa a quantidade de lenha e a cozinheira trabalha tranquilamente”.

“É um fogão fantástico e satisfaz as nossas necessidades”, realça Ayres Quaresma.

Além de disponibilizado na escola básica, este modelo de fogão foi instalado no jardim da comunidade e nas casas de pelo menos cinco famílias da comunidade de Caldeiras, contribuindo para a redução da desflorestação e do uso de madeiras nas cozinhas daquela comunidade.

“O projecto transformou e vai transformar não só a escola, mas toda a comunidade e há uma satisfação enorme. Eu estou apto para dar seguimento ao projecto”, afirma Ayres Quaresma.



Temos confiança no sucesso deste projecto e vamos continuar no próximo ano para diferentes comunidades

XIE HUIDONG
PORTA-VOZ DA MISSÃO TÉCNICA
CHINESA A SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A Embaixadora da China em São Tomé e Príncipe, Xu Yingzhen, reconheceu a necessidade de os dois países trabalharem em conjunto para reduzir a pobreza em várias comunidades são-tomenses, de acordo com um comunicado da representação diplomática. O objectivo, salientou a Embaixadora, depois de uma visita à comunidade de Caldeiras, é aumentar a produção agrícola e melhorar a educação e os cuidados de saúde junto das comunidades mais carenciadas.

Xu Yingzhen sublinhou ainda que este projecto piloto “deverá servir de exemplo para as outras comunidades” de São Tomé e Príncipe.

Uma aposta para o futuro

A missão técnica chinesa que acompanha o projecto é composta por um veterinário que chefia a equipa, Jia Jinhong; um especialista de estufa e horticultura, Hou Xiaoping; um especialista zootécnico, Zou Rui; e Li Zhifeng e Xie Huidong, como tradutores e porta-vozes do grupo.

Além do trabalho com a comunidade, os técnicos chineses colaboram estreitamente com o Ministério

79

Famílias que fazem parte da comunidade de Caldeiras



A construção de novos fogões faz parte da missão da equipa técnica chinesa

© DIREITOS RESERVADOS

da Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural de São Tomé e Príncipe e capacitam os quadros técnicos são-tomenses de diferentes instituições e os agricultores de outras comunidades.

“Nós achamos que a formação técnica é muito importante para passar conhecimento aos agricultores e aos técnicos. O nosso objectivo é introduzir a ideia e a experiência agrícola da China em São Tomé e Príncipe porque nós achamos que aqui há boas condições para desenvolver a agricultura, uma vez que há chuva suficiente e terreno fértil”, disse à Revista Macau um dos porta-vozes da equipa, Xie Huidong.

“Melhorando a tecnologia e aumentando o investimento, o desenvolvimento da agricultura ainda pode avançar muito mais”, refere o mesmo responsável, acrescentando que a China quer “ajudar o Governo são-tomense e o povo a reduzir a pobreza”.

O projecto piloto de redução de pobreza nas comunidades rurais de São Tomé e Príncipe tem a duração

de um ano, mas os membros da equipa técnica chinesa asseguram que as experiências desta primeira comunidade já dão sinais para a sua continuidade em várias outras comunidades do país.

“Já temos um resultado inicial muito positivo, temos confiança no sucesso deste projecto e vamos continuar no próximo ano com este projecto para diferentes comunidades”, assegura Xie Huidong.

Além das actividades no âmbito deste programa, a Embaixada da República Popular da China em São Tomé e Príncipe realiza várias outras intervenções na comunidade de Caldeiras, nomeadamente nas áreas da saúde, através de consultas médicas gratuitas e do combate ao paludismo, bem como da educação, mediante a oferta de materiais escolares e incentivos aos melhores alunos. Todas estas iniciativas têm o mesmo propósito, garantem os representantes chineses, que é o de “melhorar a condição de vida e actuar na redução da pobreza” em São Tomé e Príncipe. ▲

Tenha a
**Revista
Macau**
sempre
consigo.



Descarregue
a nossa
**aplicação
móvel** agora!

App da Revista Macau disponível em:



Todas as edições
disponíveis online



Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.

E-LEARNING

Português na ponta do teclado

Intuitiva, interactiva e inovadora: a página electrónica “Português à Vista” disponibiliza uma nova plataforma digital desenvolvida em Macau, única pelo tipo de utilização que faz das novas tecnologias para o ensino da língua portuguesa

Texto | Vitória Man Sok Wa

○ DEPARTAMENTO de Línguas e Cultura da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de São José lançou em Maio uma plataforma digital inovadora de ensino de português, com diversos materiais audiovisuais. Denominada de “Português à Vista”, a ferramenta de e-learning de acesso livre e gratuito está disponível em <https://portuguesavista.com>. Para o desenvolvimento dos materiais didácticos e exercícios interactivos, foram utilizados conteúdos de vários géneros, muitos dos quais sobre Macau e os países de língua oficial portuguesa.

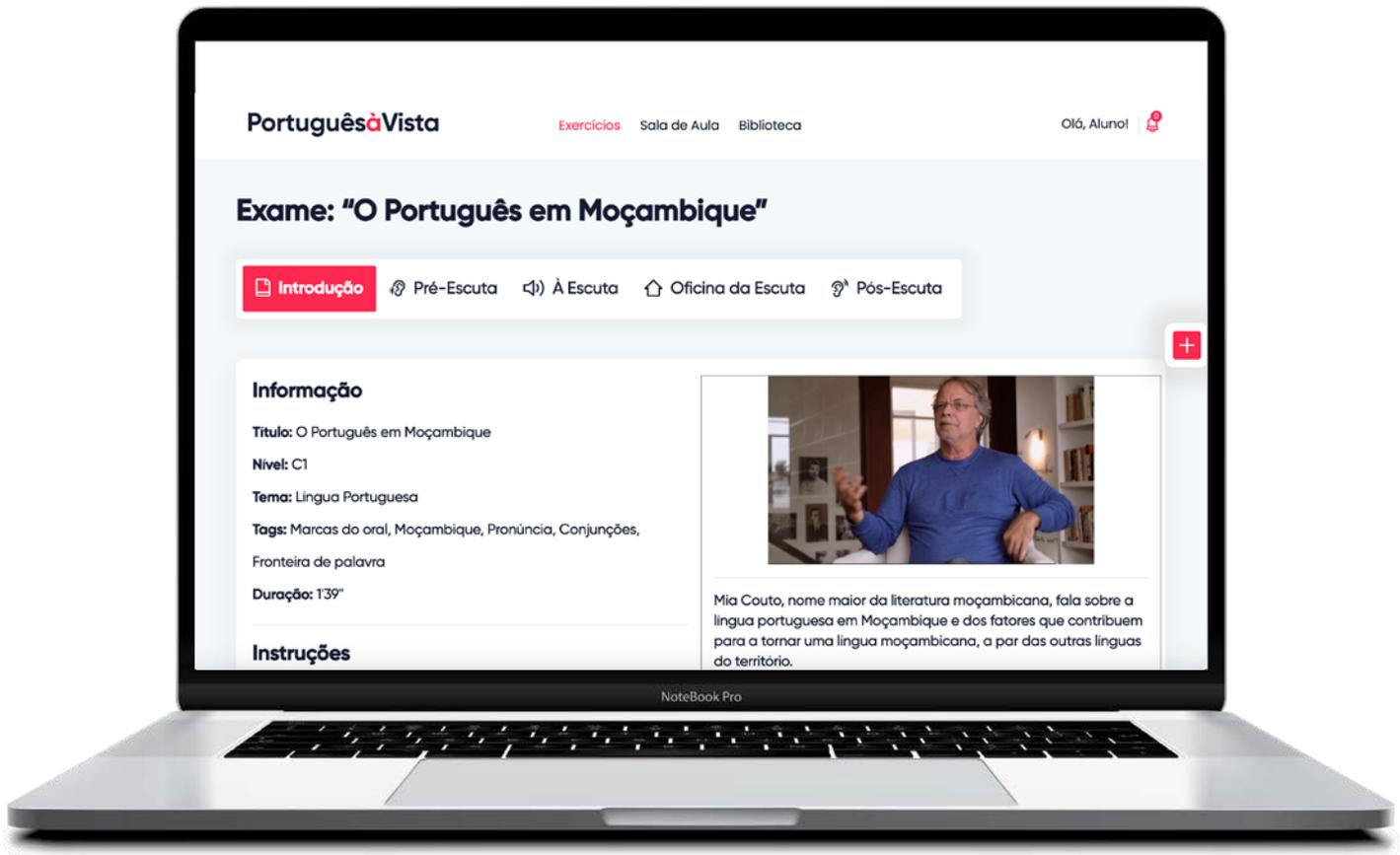
O projecto foi financiado pelo Fundo do Ensino Superior do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (actualmente Fundo Educativo). Oferece cerca de 100 vídeos e centenas de propostas de actividades, que visam desenvolver competências linguísticas de compreensão oral e leitura.

Por detrás do projecto está João Paulo Pereira, docente da Universidade de São José, um investigador dedicado à área do português como língua estrangeira. Para além de Portugal, o académico soma experiências

de ensino na Guiné-Bissau, Suíça e São Tomé e Príncipe, tendo-se mudado para Macau em 2013.

Ao verificar a escassez de materiais didácticos e de apoio audiovisual para o ensino do português, João Paulo Pereira teve a ideia de criar uma ferramenta digital de aprendizagem. “Quando, através da então coordenadora do Departamento de Estudos Portugueses, Prof. Vera Borges, tive conhecimento de que existia uma linha de financiamento do [então designado] Fundo do Ensino Superior para o desenvolvimento de projectos de investigação na área da língua portuguesa, decidi apresentar uma candidatura”, explica João Paulo Pereira à Revista Macau.

De acordo com o académico, a plataforma “Português à Vista” conta actualmente com “100 sequências didácticas, baseadas em notícias televisivas, documentários, videoclipes, curtas-metragens, etc., organizadas por temas e por níveis de proficiência linguística (do nível A1, inicial, ao nível C1, avançado)”. Muito do material tem como base conteúdos do “mundo real”, originados por entidades como a TDM – Teledifusão



de Macau e o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau).

Embora o projecto tenha envolvido várias pessoas, o processo de desenvolvimento dos materiais didácticos esteve todo a cargo de João Paulo Pereira. Segundo diz, tal implicou uma série de etapas, “desde a selecção dos vídeos e legendagem, até aos pedidos de autorização para inclusão dos conteúdos audiovisuais na plataforma”, passando pela “criação dos critérios e das sequências didácticas”.

Apesar da elevada carga de trabalho para implementar a iniciativa, João Paulo Pereira diz que alguns dos obstáculos enfrentados, nomeadamente ao nível do desenvolvimento de software, foram estimulantes. “Foi um trabalho conjunto entre profissionais de áreas

muito diferentes, mas houve uma excelente articulação, tendo a plataforma funcionalidades que não estavam inicialmente previstas.”

Criar os próprios exercícios

Uma funcionalidade inovadora é a possibilidade de o utilizador gerar as suas próprias actividades de estudo, dentro de uma secção intitulada “Auto Exercício”, na qual é possível criar exercícios de compreensão oral. O objectivo é estimular a autonomia da aprendizagem.

“O aluno só precisa de ter a transcrição do texto que quer trabalhar – por exemplo, a letra de uma canção. A plataforma gera automaticamente o exercício”, explica João Paulo Pereira.

Carol Law e Justin Chang são alunos da licenciatura

em Estudos de Tradução Português-Chinês na Universidade de São José. Ambos explicam à Revista Macau como o “Português à Vista” os tem apoiado nos seus estudos, referindo que os conteúdos disponibilizados, especialmente as notícias, os auxiliam a compreender a cultura subjacente à língua.

Carol afirma que a ferramenta a tem ajudado bastante na compreensão oral da língua portuguesa, uma das áreas em que a estudante sente mais dificuldades. “Com esta plataforma, posso praticar mais, com um horário flexível”, explica. “Apenas planeio um número

de exercícios para terminar durante a semana, já que posso fazê-los no meu tempo livre.”

Por seu lado, Justin acrescenta que, ao contrário da maioria dos exercícios disponíveis em formato digital, o sistema utilizado pelo “Português à Vista” classifica os materiais de acordo com o respectivo nível de proficiência linguística necessário.

Ambos os alunos elogiam o facto de a plataforma permitir a repetição dos exercícios por diversas vezes. Segundo dizem, isso contribui para um melhor domínio da língua.



A plataforma “Português à Vista” foi oficialmente apresentada numa sessão pública que decorreu no final de Maio



Este é um projecto feito em Macau e para Macau

JOÃO PAULO PEREIRA
RESPONSÁVEL PELA PLATAFORMA
“PORTUGUÊS À VISTA”

“Para mim, a plataforma é como uma preparação pré-aula. E também posso discutir os conteúdos com os meus colegas na aula”, afirma Carol.

Já Justin encara o sistema como uma ferramenta pós-aula, que o ajuda a rever a gramática, “refrescar” o vocabulário e praticar a compreensão oral. “Os conteúdos audiovisuais legendados podem ser pausados e repetidos a qualquer altura”, nota.

O português, essa língua plural

O académico João Paulo Pereira sublinha que “o português é uma língua plural e as variedades que existem reflectem essa pluralidade”, desde o português do Brasil àquele que é utilizado, por exemplo, em Moçambique. “Não é possível ensinar todas as variedades para além da europeia – a que vigora em Macau –, mas o professor pode promover o contacto do estudante com essas variedades e trabalhar aspectos específicos das mesmas”, refere o especialista. A plataforma “Português à Vista” pode ajudar, já que inclui vídeos ligados a diferentes países lusófonos, com sugestões de exercícios para trabalhar as respectivas especificidades linguísticas.

O docente nota que é importante que os estudantes de português em Macau tenham contacto com outras

variedades da língua além da europeia. “Alguns poderão ir trabalhar para países africanos de língua oficial portuguesa e é vantajoso que conheçam as características do português que aí é falado”, diz. “Se queremos que o português seja de facto uma língua pluricêntrica e de comunicação global, é necessário ter em conta essa diversidade. É essa a grande riqueza desta língua.”

A viver e ensinar em Macau há nove anos, João Paulo Pereira afirma que o interesse pela língua portuguesa tem registado um grande crescimento. “Aumentou a oferta educativa e o número de alunos. Este é um fenómeno que se enquadra na política da China de intensificação das relações políticas e económicas com os países de língua oficial portuguesa.”

O académico considera que “basta olhar para os números” para compreender como o ensino da língua portuguesa tem beneficiado bastante dessa orientação política das autoridades centrais, com o impacto a sentir-se também do outro lado das Portas do Cerco. “Em 2010, eram seis as universidades no Interior da China que ofereciam licenciaturas em português. Em 2020, já havia 30. O número de estudantes, no mesmo período, subiu de 300 para 4000”, sublinha.

“Claro que isto coloca grandes desafios a essas instituições de ensino superior em termos de professores qualificados e materiais didácticos, para além da adequação dos programas às necessidades do mercado”, acrescenta João Paulo Pereira. “Macau e as suas universidades podem beneficiar com isso, pois têm recursos qualificados, havendo boas oportunidades para o estabelecimento de parcerias.”

Também aí, a plataforma “Português à Vista” pode desempenhar um papel, diz o docente. Tendo em conta a organização linguística do chinês, distinta daquela utilizada no português, é possível ajudar os estudantes do Interior da China a perceber essas diferenças através dos vários vídeos legendados em chinês e dos “muitos conteúdos sobre Macau” disponíveis no sistema, afirma João Paulo Pereira. Porque, se “este é um projecto feito em Macau e para Macau”, pode ser útil a qualquer falante do idioma de Confúcio que queira aprender a língua de Camões. ◀

ENSINO SUPERIOR

Universidades de Lisboa e Xangai

A Universidade de Lisboa acaba de abrir uma faculdade na Universidade de Xangai, disponibilizando três licenciaturas no campo das engenharias. A parceria é vista como uma forma de promover a cooperação na área do ensino superior no âmbito das relações sino-portuguesas

Texto | Marta Melo

É Já este mês de Setembro que entra em funcionamento a ULisboa School, fruto de uma parceria entre a Universidade de Lisboa (ULisboa), em Portugal, e a Universidade de Xangai (SHU, na sigla inglesa), no Interior da China. A faculdade, localizada na capital financeira chinesa, arranca com três licenciaturas, nas áreas de Engenharia Electrotécnica e de Computadores, Engenharia Civil e Engenharia do Ambiente. No ano lectivo de 2023/2024, é esperado que avancem diversos mestrados. Também vão ser disponibilizados doutoramentos, a

ser desenvolvidos com base nos programas já existentes em cada uma das duas instituições.

A ULisboa School começa operações com um total de 180 vagas disponíveis para as três licenciaturas. O acordo entre as duas instituições prevê 60 estudantes por licenciatura e 30 por mestrado. À Revista Macau, João Peixoto, vice-reitor da ULisboa, explica que o processo de ingresso dos alunos é integralmente gerido pela SHU. “As condições de candidatura, regras de acesso e processo de selecção decorrem pelas regras em vigor no Interior da China. Porém, existe um acordo para que os padrões de admissão na SHU não sejam inferiores aos que se praticam na ULisboa”, diz.

Nesta primeira fase, a maioria dos alunos será de nacionalidade chinesa, mas o objectivo é, segundo João Peixoto, que a nova faculdade venha a “atrair um número cada vez maior de estudantes internacionais”. A intenção é reiterada por Nie Qing, vice-presidente da SHU, que tem agora também o cargo de directora da ULisboa School. “O nosso objectivo é formar talentos de alta qualidade, orientados para a prática internacional, para promover a internacionalização de ambas as universidades e

aprofundar a cooperação a todos os níveis”, explica.

Uma parte das unidades curriculares será leccionada em mandarim. Ainda assim, haverá uma componente linguística nos cursos da nova faculdade. “Os alunos terão de melhorar as suas competências



unidas em parceria inédita

de inglês e adquirir algumas bases da língua portuguesa”, explica o vice-reitor da ULisboa.

Cada universidade garante um terço dos professores necessários ao funcionamento dos cursos, cabendo à SHU recrutar os restantes, “muitos deles no mercado

internacional”, esclarece João Peixoto. As aulas leccionadas por docentes da ULisboa e pelos contratados no mercado internacional serão em inglês.

Está também previsto um programa de intercâmbio de estudantes, envolvendo uma estadia de um

semestre em Lisboa, embora possa não acontecer em todos os casos. Segundo João Peixoto, no âmbito das licenciaturas, que terão a duração de quatro anos, há “a possibilidade de um semestre – o primeiro semestre do quarto ano – poder ser leccionado em Lisboa”. Em sentido oposto, alguns estudantes da ULisboa em Portugal podem também beneficiar de um período de mobilidade na SHU.

Parceria inédita

Nie Qing conta que, “com as sugestões e promoção de amigos de Macau, as duas universidades apresentaram a ideia de criar uma escola conjunta em 2018”, um ano antes de Portugal e a República Popular da China assinalarem o 40.º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas e também um ano antes das celebrações do 20.º aniversário da criação da Região Administrativa Especial de Macau. A pandemia da COVID-19 acabou por ter impacto no processo, “mas não impediu que continuasse a avançar”, recorda João Peixoto.

A oficialização da parceria aconteceu em 2021. Já este ano, as autoridades dos dois países reconheceram e validaram o acordo das



A Universidade de Xangai possui um total de três campus, espalhados pela cidade chinesa

Os promotores da ULisboa School

UNIVERSIDADE DE LISBOA



A instituição resulta da fusão da Universidade de Lisboa e da Universidade Técnica de Lisboa, em 2013. A Universidade de Lisboa (ULisboa)

é composta por 18 escolas e acolhe mais de 50 mil estudantes.

Na mais recente edição do “NTU Rankings”, um dos mais importantes e conceituados “barómetros” internacionais no que toca ao desempenho científico das instituições de ensino superior, a ULisboa surge em 166.º lugar.

UNIVERSIDADE DE XANGAI



A instituição foi fundada em 1922 e em Maio de 1994 integrou outras três universidades da cidade: a Universidade de Tecnologia de Xangai,

a Universidade de Ciência e Tecnologia de Xangai e o Instituto de Ciência e Tecnologia de Xangai. A universidade possui 31 escolas e faculdades, servindo mais de 40 mil estudantes.

Na última edição do “NTU Rankings”, a Universidade de Xangai ocupava a 486.ª posição.

instituições de ensino superior. “O primeiro sinal veio de Portugal, no início de 2022, quando a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) validou os cursos previstos”, assinala o representante da universidade portuguesa. O Ministério da Educação chinês aprovou a parceria em Maio.

Para a SHU, a colaboração com a ULisboa enquadra-se na sua estratégia de internacionalização e no compromisso de formar quadros qualificados. A ideia de avançar para este projecto visou, segundo Nie Qing, servir a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e a política nacional de posicionar Xangai como um centro de inovação científica e tecnológica, bem como “colmatar uma lacuna entre a China e Portugal – a ausência de instituições conjuntas na área do ensino superior”. A mesma responsável adianta que o projecto quer também “dar resposta às necessidades de formação de talentos na área de ‘Português + Engenharia”.

“O desafio que foi feito à ULisboa foi particularmente aliciente por revelar o prestígio que a universidade e a ciência portuguesas atingiram na China”, atira João Peixoto. Esta é a primeira vez que a SHU se alia a uma universidade lusa, apesar de já o ter feito com instituições do Canadá, Austrália e França. Do lado da ULisboa, João Peixoto fala de um projecto novo, com o estabelecimento de ensino superior a ser “uma das universidades portuguesas pioneiras neste

domínio”, sem estarem previstas mais iniciativas do género com outras instituições.

O vice-reitor explica que a internacionalização é um dos principais eixos de desenvolvimento estratégico da ULisboa e que a escolha da China para esta parceria resulta de vários factores. “Da sua importância no mundo contemporâneo, da grande velocidade com que se desenvolvem as suas instituições de ensino superior e de investigação, e da oportunidade de Portugal contribuir com conhecimento aplicado num país com altos níveis de crescimento.”

O dirigente explica que esta parceria “será integralmente financiada pela SHU”, com as propinas pagas pelos estudantes a constituírem a principal base de financiamento.

Expectativas elevadas

No arranque da ULisboa School, Nie Qing diz estar “confiante” quanto ao sucesso do projecto. A responsável explica que serão integradas no perfil da nova faculdade “características básicas” do ensino superior do país, mas também “filosofias estrangeiras ligadas à inovação”.

João Peixoto admite que, do lado da ULisboa, os desafios de adaptação, relacionados com o tipo de ensino praticado no Interior da China, a cultura e mesmo a comunicação linguística, “são complexos”, mas acredita que

a “linguagem do conhecimento científico poderá criar pontes de entendimento”. O facto de os cursos leccionados terem uma base tecnológica leva o vice-reitor da universidade portuguesa a acreditar que tal “poderá facilitar o diálogo entre docentes e estudantes das duas instituições”.



Acredito que, com o apoio e empenho de ambas as universidades, a ULisboa School tornar-se-á uma das escolas conjuntas mais populares da China

NIE QING
VICE-PRESIDENTE
DA SHU E DIRECTORA
DA ULISBOA SCHOOL

“Acredito que, com o apoio e empenho de ambas as universidades, a ULisboa School tornar-se-á uma das escolas conjuntas mais populares e internacionalizadas da China, com o objectivo de formar talentos internacionais de engenharia”, assegura Nie Qing.

Na sua opinião, esta colaboração com a universidade portuguesa trará “benefícios e potencial” para os estudantes dos dois países. Entre as vantagens, a responsável enumera o facto de os alunos serem preparados para trabalhar em ambientes multiculturais e internacionais, e para compreender e valorizar culturas e perspectivas diferentes. “Terão oportunidade de fazer estágio ou ter uma experiência de trabalho em consórcios sino-portugueses, ou podem inscrever-se directamente nos programas de mestrado da Universidade de Lisboa, para aprofundar os seus estudos”, acrescenta Nie Qing.

A cooperação entre as duas instituições está, para já, circunscrita às engenharias. João Peixoto justifica a escolha com o “prestígio da engenharia portuguesa além-fronteiras”, mas também com o potencial destas áreas na cidade chinesa. “O facto de o intercâmbio se destinar à formação de profissionais que vão trabalhar em Xangai, uma cidade que é um dos epicentros da actual dinâmica da China, e em iniciativas económicas diversas envolvendo a China e os países de língua portuguesa, ajudou também a essa escolha”, refere.

Nenhuma das instituições descarta a possibilidade de a nova faculdade vir a disponibilizar cursos em mais campos do saber. João Peixoto assinala mesmo que o acordo com a SHU já prevê que o âmbito da ULisboa School “poderá vir a ser alargado, no futuro, a outras áreas científicas”. Nie Qing corrobora a expectativa e admite que as novas colaborações possam acontecer para lá da criação de programas académicos, nomeadamente envolvendo o estabelecimento de “plataformas de investigação entre as duas universidades e a conexão de indústrias entre os dois países”.

Com a nova faculdade, a SHU planeia contratar, ainda este ano, professores de língua portuguesa, uma área de ensino para a qual, actualmente, não possui qualquer oferta. Nie Qing estima que, assente no desenvolvimento da ULisboa School, haja “um grande interesse para estudar português” entre os alunos da SHU. “Pretendemos trabalhar para criar um curso de língua portuguesa, com base na procura”, sublinha.

A instituição chinesa está de olhos postos na lusofonia. Em 2022, a SHU contabilizou mais de 2600 alunos internacionais de 149 países e regiões – entre eles, alguns eram provenientes de países de língua portuguesa. Segundo Nie Qing, o número “não é elevado”, mas isso pode mudar. “Espero que com o lançamento da nova escola conjunta tenhamos mais alunos portugueses no nosso campus”, conclui. ▲

INDO-PORTUGUESES EM MACAU

DE GOA E OUTROS ORIENTES, UMA COMUNIDADE NO ADN DE MACAU

Têm raízes em três territórios unidos pela história, mas a maioria é a Macau que chama casa. A comunidade de Goa, Damão e Diu radicada no território faz parte do ADN de Macau e quer contribuir para o reforço da diversidade cultural, afirma Vicente Pereira Coutinho, presidente do Núcleo de Animação Cultural de Goa, Damão e Diu

Texto | Marco Carvalho

POUCOS, mas bons. É assim que Vicente Pereira Coutinho, presidente do Núcleo de Animação Cultural de Goa, Damão e Diu, se refere aos membros da pequena comunidade indo-portuguesa radicada em Macau. Os naturais dos três territórios indianos engrossaram desde os primórdios o contingente militar e mercantil português que se fixou no sul da China e, ao longo dos quatro séculos que se seguiram, foram parte fundamental do quotidiano da cidade.

Goeses, damanenses e diuenses exerceram funções na administração pública de Macau, ensinaram as primeiras letras a várias gerações de macaenses, cuidaram dos enfermos e desvalidos, zelaram pela segurança da população local. Mais de duas décadas após a transferência de

administração, a comunidade está reduzida a menos de meia centena de pessoas e já não conta com médicos, enfermeiros e sacerdotes nas suas fileiras, mas nem por isso perdeu influência.

“Actualmente, a maior parte dos membros da comunidade ou são funcionários públicos ou então trabalham no sector privado, em áreas como a arquitectura e a engenharia. Alguns estão bem inseridos na comunidade chinesa, com negócios próprios, ligados à restauração ou à cultura”, elenca Vicente Pereira Coutinho.

“A comunidade goesa, damanense e diuense em Macau manteve-se muito influente entre as décadas de 40 e de 90 do século passado. O contingente militar português destacado em Macau também englobava quadros goeses e, para além deles, havia também pessoal qualificado, como médicos, juizes, advogados e professores. Muitos vieram

para Macau depois de terem passado por Angola, Moçambique ou pelas outras antigas colónias portuguesas”, complementa o presidente do Núcleo de Animação Cultural de Goa, Damão e Diu, associação fundada na década de 1990 com o propósito de salvaguardar a cultura indo-portuguesa em Macau.

Entre os membros da comunidade indo-portuguesa no território contam-se individualidades de relevo nas mais variadas áreas, desde a advocacia à arquitetura. Mas a comunidade também se quer afirmar por manifestações como a música, a gastronomia ou uma cultura híbrida secular. O grande desafio passa por se dar a conhecer às outras comunidades que têm Macau como casa, em particular à comunidade chinesa.

“Nós temos tentado trabalhar com o intuito de chegar à comunidade chinesa. Nos últimos anos, durante o Festival da Lusofonia, apercebemo-nos de que muitos chineses não sabem onde fica Goa, Damão e Diu. Não sabem o que se faz em Goa, Damão e Diu, que relação mantém Goa, Damão e Diu com Macau depois da transferência de administração entre Portugal e a República Popular da China”, salienta Vicente Pereira Coutinho.

Fraternidade secular

A exceção é mesmo a comunidade macaense, com a qual goeses, damanenses e diuenses mantêm uma relação de fraternidade. Muitos dos jogos tradicionais que se disputavam no território chegaram a Macau via Goa, mas há outras marcas de afinidade entre ambas as comunidades.



© CHENG KWAI KA

“Nós sempre estivemos muito entrosados com a comunidade macaense. Fazemos parte de outras associações, para além da nossa própria associação, participamos noutros eventos e colaboramos com outras entidades locais”, assume o dirigente associativo. “Por vezes intervimos e participamos no Micareme, no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes e também no Arraial de São João. Os goeses, macaenses e os portugueses radicados em Macau sempre tiveram uma forte ligação”, sustenta.

Para chegar ao coração da comunidade chinesa, o Núcleo de Animação Cultural encetou conversações com entidades como o Instituto de Formação Turística de Macau (IFTM) ou a Teledifusão de Macau (TDM) para que lhe fosse facultada a possibilidade de promover cursos de gastronomia goesa ou de produzir um programa semanal em concanim, a língua nativa de Goa. Vicente Pereira Coutinho assegura que a comunidade, apesar de pequena, está apostada em manter vivo o seu legado e só lamenta que o Núcleo não tenha

Nós temos tentado trabalhar com o intuito de chegar à comunidade chinesa

VICENTE PEREIRA COUTINHO
PRESIDENTE DO
NÚCLEO DE ANIMAÇÃO
CULTURAL DE GOA,
DAMÃO E DIU



O Núcleo de Animação Cultural participa há vários anos no Festival da Lusofonia

sede própria, que possa permitir uma postura mais dinâmica e participativa.

“Estamos sempre abertos a colaborar com as autoridades de Macau e com o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, apesar de Goa, Damão e Diu não serem membros do Fórum. Ainda assim, já participámos no Sarau Cultural e em outros eventos promovidos por eles”, recorda Vicente Pereira Coutinho.

“Por termos uma presença muito específica em Macau, nós gostaríamos de ter uma sede”, afirma o responsável, acrescentando que a associação gostaria também de receber mais apoios para alargar o número de actividades relacionadas com a cultura e a gastronomia. “Como somos poucos e não temos sede, é muito difícil desenvolver outras actividades. Se tivéssemos uma sede, seria uma verdadeira lufada de ar fresco”, salienta.

A colectividade tem no Festival da Lusofonia a sua principal montra e é naquele espaço que tem a oportunidade de dar a conhecer um dos seus maiores trunfos, ao mesmo tempo que procura promover Macau fora de portas. “As pessoas que visitaram a Lusofonia ao longo dos últimos dez, vinte anos perguntam-nos onde podem adquirir os nossos pratos. Em Macau, é algo que não se encontra em mais lado nenhum. É só na Lusofonia que é possível encontrar bebinca, caril de chouriço, xec xec, um pratinho de caranguejos, um pratinho de camarões”, sustenta Vicente Pereira Coutinho. “Não digo que sejamos embaixadores, mas, pelo menos, somos uma plataforma de ligação aos vários sítios espalhados pelo mundo em que existem comunidades goesas. Muitas destas comunidades não conhecem Macau e nós também promovemos Macau, através das nossas plataformas, como as comunidades indo-portuguesas espalhadas pelo mundo”, realça. ▲



◀ VER VÍDEO AQUI

ART FOR ALL SOCIETY

Arte conjugada no plural

Os números não enganam: em 15 anos de existência, a Art For All Society organizou mais de uma centena de exposições, mantendo actualmente cerca de 70 membros activos. A associação, criada em 2007, é uma das principais plataformas do território de promoção da arte contemporânea

Texto | Catarina Brites Soares

ART For All Society (AFA), grupo dedicado à promoção das artes em Macau, está a celebrar 15 anos de existência. Vários artistas locais reconhecem o papel da associação no desenvolvimento das respectivas carreiras. Já os fundadores defendem que a AFA tem cumprido a meta mais importante a que se propôs aquando do seu lançamento: promover criadores locais dentro e fora de Macau.

“Essa foi a principal motivação para criar a associação”, frisa a artista Bianca Lei Sio Chong, uma das pessoas que esteve na origem da AFA. Os também artistas James Chu Cheok Son, Konstantin Bessmertny, Tong Chong, Kent Jeong Chi Kin e Noah Ng Fong Chao foram os restantes fundadores, a quem alimentou o sonho de criar uma entidade que projectasse os talentos de Macau e lhes garantisse



Uma das prioridades da Art for All Society é promover a arte contemporânea junto do público de Macau



mais oportunidades. Assim nasceu a AFA em 2007 – uma associação sem fins lucrativos dedicada à arte contemporânea.

“O objectivo foi muito claro desde o início: ajudar e apoiar artistas, e desenvolver o sector em Macau”, reforça James Chu, antigo presidente da associação. Exposições, debates, seminários e promoção de nomes locais a nível internacional eram as linhas mestras. “A AFA, enquanto entidade aberta e independente, não tem comparação com qualquer outra associação”, defende o artista, que liderou o grupo durante seis anos. Actualmente, a presidência é assegurada pela também artista Alice Kok Tim Hei (ver entrevista nestas páginas).

Konstantin Bessmertny defende que a AFA é a associação do meio artístico mais dinâmica da cidade. A prova, fundamenta, é que os seus membros expõem com regularidade na Ásia e no resto do mundo. “Está no mapa como destino obrigatório dos que vêm a Macau e querem ver algo contemporâneo. É um espaço para os artistas locais estabelecidos, mas também um ponto de partida para os novos talentos que estão a dar os primeiros passos”, vinca o pintor russo, radicado em Macau há várias décadas e um dos nomes mais sonantes do panorama cultural local.

O ilustrador Eric Fok Hoi Seng, que faz parte da geração de artistas locais cujo início de carreira já beneficiou da existência da AFA,



A AFA conseguiu construir uma identidade na qual os artistas e amantes de arte se revêem e acreditam

**JAMES CHU
CHEOK SON**
ARTISTA E ANTIGO
PRESIDENTE DA ART
FOR ALL SOCIETY

confirma. “Deu-me muitas oportunidades quando comecei. Além das mostras em Macau, também me abriu as portas a eventos internacionais. A par disso, foi ainda um meio para conhecer outros artistas”, refere o membro da associação, agora em Taiwan, onde está a fazer um doutoramento em arte.

O artista plástico José Drummond – que, não sendo fundador, assistiu ao início da AFA de perto – afirma que a entidade ocupou um espaço no panorama cultural da cidade que estava vazio. O que



© ART FOR ALL SOCIETY

a define, e distingue, é o enfoque na arte contemporânea nas suas mais diversas expressões, desde a pintura à fotografia, escultura e vídeo. “A AFA veio oferecer aos artistas de Macau a oportunidade de expor em contexto de galeria”, salienta José Drummond, actualmente a viver



Edição de 2021 do Salão de Outono da AFA

em Xangai e que acompanhou James Chu na direcção da associação, como vice-presidente.

Chu acrescenta: “A AFA conseguiu construir uma identidade na qual os artistas e amantes de arte se revêem e acreditam. Esta partilha faz com que haja vontade de

trabalhar e de crescer em conjunto”, sublinha.

“Imaginemos que a AFA não existia...”

O antigo presidente não ignora falhas, mas ressalva: “A maioria toma

tudo como garantido. Imaginemos que a AFA não existia. Eu, por exemplo, certamente não teria as mesmas oportunidades para crescer, errar e comercializar os meus trabalhos”.

Paralelamente às exposições regulares que organiza na cidade,



A associação deu-me muitas oportunidades quando comecei

ERIC FOK HOI SENG
ARTISTA E MEMBRO DA
ART FOR ALL SOCIETY

a AFA tem procurado exportar o talento de Macau. A presença em feiras de arte no Interior da China, nomeadamente em Pequim e Xangai, e no exterior foi uma constante até às actuais limitações criadas pela pandemia da COVID-19. Tóquio, Nova Iorque, Taipé, Kuala Lumpur, Singapura e Lisboa foram alguns dos destinos que ficaram a conhecer o que se faz em Macau. Na sua página electrónica, a associação orgulha-se de ter organizado mais de 100 exposições de artistas locais no território, em Pequim – onde chegou a ter uma galeria fixa – e noutras cidades.

O Salão de Outono é outro dos orgulhos da AFA. A mostra colectiva, que marca o calendário artístico anual da cidade, resulta de um processo de selecção e recolha do melhor que é produzido por artistas que trabalham e vivem em Macau.

José Drummond realça que se conquistou muito nos primeiros anos da AFA. “Não só a galeria em Macau como a de Pequim, bem como as feiras de arte regionais de primeira linha em que se marcou presença, são disso exemplo. Hoje, a realidade é bem diferente. A liderança mudou, a realidade mudou e os desafios também mudaram. Faz parte do crescimento”, refere.

No entanto, o esforço para cumprir a missão inicial da associação, sublinha a artista Bianca Lei, continua a ser notório. “Há cada vez mais exposições e vendas por causa da AFA. Na verdade, muitos dos que mostram interesse na arte local contactam a AFA directamente”, realça.

Bianca Lei recorda que há poucos artistas profissionais em Macau: muitos têm de compatibilizar a carreira com outros empregos a tempo inteiro. “A AFA é especialmente

Instituto Cultural garante apoio à arte

QUESTIONADO sobre a importância da Art For All Society a nível local, atendendo ao 15.º aniversário do grupo, o Instituto Cultural (IC) responde que são várias as associações que contribuem para o desenvolvimento das artes no território. “O IC manifesta satisfação pela perseverança e paixão dedicada por cada uma na organização contínua de actividades, desempenhando um papel proífico e activo na oferta de diferentes plataformas de exposição artística, na formação e apoio de talentos

locais, assim como na sua promoção”, sublinha.

O organismo público releva que, com o objectivo de incentivar o desenvolvimento das mesmas entidades, promove diversas acções, entre as quais colaborações e disponibilização de espaços para actividades. “O IC, através da cooperação com diversas associações artísticas e culturais, visa organizar exposições, criando um ambiente de arte em Macau e promovendo, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das artes e da cultura populares.”



**AFA tem
contribuído
para o
enriquecimento
da oferta
cultural junto
de um público
que não é fácil**

JOSÉ DRUMMOND
ARTISTA E ANTIGO
VICE-PRESIDENTE DA
ART FOR ALL SOCIETY

importante para ajudar na promoção e venda de trabalhos”, detalha.

José Drummond salienta que a associação tem demonstrado grande resiliência. De espaço, mudou uma mão cheia de vezes. Agora está no Macau Art Garden, na Avenida Dr. Rodrigo Rodrigues.

“Apesar de todos os acidentes normais de percurso, tem tido lideranças fortes e apresentado um trabalho exemplar para a difusão dos artistas de Macau. Tem contribuído para o enriquecimento da oferta cultural junto de um público que não é fácil, que não estava muito sensibilizado para a arte contemporânea e que se sente que tem vindo a crescer”, afirma o artista.

“Tem deixado uma marca no panorama cultural e dinamiza-o”, defende Konstantin Bessmertny, assumindo que há sempre espaço para continuar a melhorar.

E agora?

James Chu diz que os desafios de hoje se resumem no repto que foi delineado há 15 anos. “Continuar a missão de ajudar a que os artistas de Macau cresçam e que sejam competitivos, melhorar o mercado e garantir o apoio do Governo”, enumera.

José Drummond insiste nas prioridades que afirma defender desde 1996, mas que, na sua opinião, “se revelam bastante difíceis” de concretizar. Por um lado, diz, a cena artística local só poderá evoluir com o surgimento de galerias de arte privadas e comerciais. Por

outro, o reconhecimento dos artistas locais no exterior deve passar por ações de intercâmbio regional e internacional, acrescenta. Por fim, diz o artista, é necessária uma forte aposta em Macau no ensino superior especializado no campo das artes.

A estas prioridades, Bianca Lei soma outras que devem nortear o futuro da AFA. A aposta na promoção a nível internacional é a mais relevante a curto e médio prazo. “É importante sair de Macau e aproveitar mais oportunidades lá fora. Organizar mostras online e promover os artistas locais através da internet podem ser alternativas atendendo ao contexto presente”, sugere, em alusão ao impacto da COVID-19 nas viagens internacionais.

“Tenho a certeza que a maioria dos artistas quer que o seu trabalho seja valorizado e recordado”, afirma Eric Fok. “Para isso, é fundamental que haja esforço individual, que tem de ser combinado com diversas forças externas. Essas forças devem ter um conhecimento do mundo da arte e permitir que o público a compreenda, e ajudar a ampliar a rede artística da cidade, para que mais obras possam ser exportadas. O ideal é sempre estar num palco maior.”

James Chu deixa o desejo que a AFA cumpra esta e outras metas e prospere, como até aqui. “Enquanto fundador, espero que continue a crescer e a renovar-se. Pode ir muito longe, sem prazo ou restrição geográfica.” ◀

ENTREVISTA

“SOMOS A PONTE ENTRE A ARTE E O TODOS”

A PRESIDENTE da Art for All Society (AFA) defende que a associação tem cumprido a sua missão. Prova disso, sublinha Alice Kok Tim Hei, é a carreira que a própria construiu enquanto curadora e artista. A líder, já no terceiro mandato, quer que a AFA contribua para que Macau afirme a sua identidade no processo de integração na Grande Baía

A Art for All Society (AFA) faz 15 anos. Está satisfeita com o caminho percorrido?

A AFA foi criada com o propósito de ser uma plataforma para os artistas se profissionalizarem. Ter feito carreira como curadora e artista é uma das provas de que tem cumprido a missão.

Que função tem a associação e o que a distingue de outras?

A AFA desempenha sobretudo um papel no âmbito da curadoria, especializada na arte contemporânea. Não só oferecemos aos artistas uma galeria e recursos para realizarem exposições, como asseguramos a curadoria dos trabalhos.

O que priorizam?

Enquanto presidente, tenho a responsabilidade de definir um plano anual, que depois é submetido para obtenção de apoios públicos. Valorizamos a qualidade. A arte não é só para um, mas para todos, no nosso caso. Com base nesta premissa, concebemos as exposições tendo em conta uma conjuntura mais ampla, que considera os contextos social, cultural e económico, na qual nos afirmamos como uma das entidades artísticas mais representativas da região. Vamos ao encontro dos artistas antes mesmo de eles virem ao

nosso. Promovemos encontros, discutimos trabalhos, aconselhamos, acompanhamos e encorajamos, de forma a que tenham oportunidades de mostrarem o que fazem. A AFA é a maior associação de arte contemporânea em Macau. Tem cerca de 70 membros activos. Distinguimo-nos de outras associações culturais mais tradicionais, porque nos dedicamos à arte contemporânea, com predominância para as artes visuais.

Quais foram as grandes conquistas da AFA nestes 15 anos de existência?

A mais importante foi tornar-se numa entidade que serve os artistas e a arte. AFA conquistou um lugar e construiu uma reputação em que vinga a consistência na apresentação de trabalhos de valor. O nosso esforço na curadoria é a nossa maior conquista. Os artistas precisam de um ambiente profissional no qual as suas obras possam ser apresentadas com o ângulo e abordagem correctos, para que tenham o devido apreço, e possam gerar discussão e impacto na sociedade. Nós somos a ponte entre a Arte e o Todos.

E quais os desafios que enfrentaram?

A tendência desactualizada de olhar a arte como uma forma de entretenimento é o nosso maior desafio. O público em geral é mais sensível a prazeres e realizações imediatas como a comida, turismo, produtos de beleza e programas de televisão, em vez de actividades como visitar um museu ou uma galeria de arte – espaços onde se reflecte a Humanidade.

Quais as dificuldades que destaca actualmente?

A maior tem que ver com a recessão económica generalizada que vivemos, atendendo à pandemia e restrições ao

turismo, que veio agravar o desafio que mencionei antes. As verbas disponíveis para a cultura e arte são menores. É indiscutível que são necessárias mais transparência e reformas [nos apoios à arte], mas, durante este período de mudança, decisões menos sensíveis podem dificultar a sobrevivência de associações não lucrativas como a nossa.

Como assim?

A arte e a cultura não podem ter como fim o lucro rápido – se é que o podem ter de todo. Os sectores cultural e artístico são portas de reflexão, que permitem conceber e criar novos caminhos para um futuro diferente. Sabemos que o jogo não pode ser a única resposta [para o futuro de Macau]. Como tal, está na hora de considerar mais vias. A arte e a cultura são o caminho. Dito isto, importa ressaltar que a AFA está entre as associações que tem conseguido sobreviver graças ao apoio do Governo.

Quão importante tem sido a AFA para os artistas e o desenvolvimento do sector?

Os artistas vêm à AFA para debater, receber uma opinião profissional e apresentar o que fazem com uma abordagem curatorial consistente. A AFA é o trampolim para se lançarem e contextualizarem o seu trabalho. É como um grande navio, onde podem entrar e definir-se – respeitamos e encorajamos a identidade de cada um –, que os leva a outras paragens.

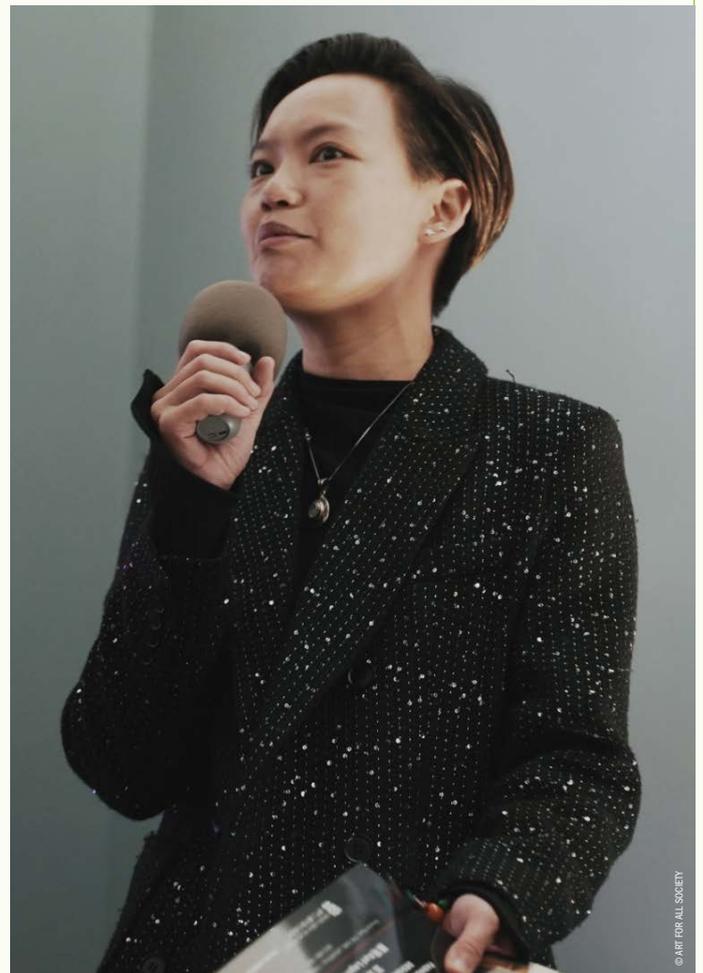


O desenvolvimento económico depende também de um ambiente cultural vibrante

ALICE KOK TIM HEI
PRESIDENTE DA
ART FOR ALL SOCIETY

Quais são as principais ambições?

Sobreviver como uma entidade singular em Macau e no exterior, sobretudo na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Vivemos momentos críticos em que as culturas regionais se fundem e temos de nos assegurar que, nesse processo, as qualidades identitárias não desaparecem. O desenvolvimento económico depende também de um ambiente cultural vibrante. Macau, com a AFA, tem potencial para afirmar a nossa identidade artística, que é única, e criar uma região e um futuro maiores. ▲ C.B.S.



DESPORTOS NÁUTICOS

O admirável mundo novo do “stand-up paddle”

A modalidade de remo em pé, também conhecida pela designação inglesa de “stand-up paddle” ou “SUP”, está em rápido crescimento em Macau. Dirigentes associativos ligados ao desporto dizem que o passo seguinte passa por atrair mais jovens para esta prática

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Leong Sio Po

UMA prancha, uma pagaia e um plano de água: é quanto basta para a prática de remo em pé, desporto popularmente conhecido pela designação em inglês “stand-up paddle” – ou simplesmente “SUP”. A modalidade, cujas origens modernas remontam ao Havai, está a crescer a olhos vistos em Macau, com cada vez mais praticantes nas praias de Coloane.

A contribuir para a popularidade do “stand-up paddle” está o facto de ser um desporto náutico acessível a todos. Em comparação com modalidades como a vela, windsurf ou canoagem, é mais fácil de aprender, embora possa ser igualmente difícil de dominar na perfeição.

De acordo com o presidente do Conselho de Administração da Associação Geral Desportiva de Remo em Pé de Macau China, Pedro Vizeu, a introdução do “stand-up paddle” em Macau aconteceu há cerca de cinco anos. Desde então, as pranchas passaram a ser presença comum nas praias de Hác-Sá e Cheoc Van, tendo sido criados grupos dedicados à promoção do desporto – a Associação Geral Desportiva de Remo em Pé foi oficialmente fundada em 2020.

O crescimento do “stand-up paddle” no território acontece ao mesmo tempo que o desporto se afirma a nível nacional e internacional. Em 2019, a modalidade foi incluída no Campeonato Nacional de Canoagem da China e existem expectativas de que possa ser integrada no programa dos Jogos Olímpicos de 2028, a terem lugar em Los Angeles, nos Estados Unidos.

Segundo elementos ligados ao “stand-up paddle” em Macau, a actual conjuntura associada à pandemia da COVID-19 está também a trazer mais indivíduos ao desporto. Isto porque, devido às limitações ao nível das deslocações para o exterior, há um aumento do número de pessoas nas praias locais e do interesse em experimentar diferentes actividades náuticas.

Expansão em curso

Kwok Ka Chun e Choi Wai Kei contam-se entre os praticantes de “stand-up paddle” em Macau. Ambos são membros da Associação Geral Desportiva de Remo em Pé, tendo contactado pela primeira vez com a modalidade fora do território.



O “stand-up paddle” chegou a Macau há cerca de cinco anos

“Comprei uma prancha online e fui para a praia praticar”, conta Kwok Ka Chun. “Como queria aprender de forma mais sistemática, juntei-me a esta associação.” O desportista nota que o “stand-up paddle” pode ser praticado de modo mais recreativo ou de forma mais competitiva – neste último caso, o apoio de um treinador ajuda a uma melhor evolução, diz.

Choi Wai Kei recorda que praticou “stand-up paddle” pela primeira vez ainda fora de Macau, antes do início da pandemia. De volta ao território, sabia que havia já grupos dedicados ao desporto e decidiu procurá-los.

“Acho que agora é mais fácil encontrar informação sobre esta modalidade”, diz. A praticante acrescenta que não é complicado adquirir o equipamento necessário para se iniciar no desporto. Para facilitar o transporte, pode-se escolher uma prancha insuflável, que cabe numa mochila: a tecnologia utilizada neste tipo de pranchas garante que, uma vez insufladas, possuam excelente rigidez e sejam muito resistentes a impactos. Também a pagaia pode ser desmontável, cabendo no mesmo saco da prancha.

Annie Ung pertence a um outro grupo, o Clube de Remo em Pé de Macau, criado em 2018. A praticante iniciou-se no “stand-up paddle” há dois anos. “Inicialmente, não sabia o que era”, admite. “Mas como pratico outros desportos náuticos, quis experimentar.”

Embora confirme que qualquer interessado na modalidade pode comprar uma prancha e começar a praticar, Annie Ung diz que, “com um treinador, que ensina as técnicas e corrige os erros, é melhor”.

Dos oito aos oitenta

Um dos atractivos do “stand-up paddle” é o facto de ser um desporto para todas as idades. Ainda assim, lamenta Pedro Vizeu, da Associação Geral Desportiva de Remo em Pé, “alguns pais e escolas não possuem uma compreensão correcta e completa sobre a segurança deste desporto náutico e, por isso, consideram-no uma actividade de risco”.

É com o intuito de mudar mentalidades que a associação organiza regularmente cursos, visando ajudar a população a disfrutar da modalidade de forma segura.

“Sensibilizamos para a questão da segurança na água, ao mesmo tempo que providenciamos ensinamentos técnicos”, indica Leong Sio Teng, membro do Conselho de Administração da Associação Geral Desportiva de Remo em Pé.

Lei In Cheng é um dos jovens valores de Macau no “stand-up paddle”. Com 13 anos de idade e dois de prática do desporto, o jovem já participou em algumas competições, tendo obtido bons resultados.

O adolescente admite que, quando se iniciou na modalidade, a família ficou algo apreensiva, visto tratar-se de um desporto na água – entre os seus familiares, não havia tradição de desportos náuticos. “Após algum tempo, perceberam que se trata de uma actividade muito segura, bastando que nós sigamos as regras de segurança”, diz Lei In Cheng.

Com apenas dez anos, a pequena Leung Sum descobriu o “stand-up paddle” há cerca de meio ano. Na altura, estava a iniciar-se no windsurf: viu alguns praticantes de “stand-up paddle” na praia e acabou por trocar de desporto. “É divertido. Como sei nadar, a minha família não se preocupa com questões de segurança”, diz.

As áreas de águas calmas são aconselhadas para a iniciação no desporto e para a prática de “stand-up paddle” por parte de crianças. “É melhor começar a treinar em mar aberto apenas quando se é um praticante de nível mais avançado”, aconselha Pedro Vizeu.

O treinador Sam Siu Heng, ligado à Associação Geral Desportiva de Remo em Pé, refere que o desenvolvimento da modalidade passa pela aposta em talento jovem. Para tal, é necessária uma base ampla de recrutamento,



O número de praticantes de “stand-up paddle” em Macau está a crescer

Um desporto novo... com raízes milenares

AS origens do remo em pé não são facilmente descontináveis. A prática é algo que existe há milhares de anos, fazendo historicamente parte do dia-a-dia de povos em diversos pontos do globo, de África à América do Sul, para pescar, viajar ou até mesmo para acções de guerra.

Há, no entanto, consenso em atribuir raízes havaianas

ao remo em pé moderno – ou “stand-up paddle”. Na década de 1940, instrutores de surf nas praias de Waikiki começaram a utilizar remos para se deslocarem mais facilmente na água, de forma a possuírem uma melhor visão dos seus clientes nas ondas, para os fotografarem.

Ainda assim, a modalidade manteve-se circunscrita ao Havai e só começou a ganhar

tracção de forma autónoma do surf a partir da segunda metade da década de 1990. Em 2004, chegou à Califórnia, também nos Estados Unidos, o que lhe proporcionou uma maior visibilidade. A popularidade quase instantânea que obteve levou a que rapidamente ganhasse uma dimensão internacional, com praticantes do Japão à Austrália, passando pela Alemanha e... Macau. ◀

diz. “Para termos jovens capazes de formar uma equipa em representação de Macau, temos de possuir um alicerce forte no que toca ao ensino da educação física nas escolas primárias e secundárias”, explica.

A dirigente Leong Sio Teng concorda com a importância de atrair mais jovens para o “stand-up paddle”, de forma a assegurar a sustentabilidade do desporto a nível local. “Temos uma equipa de escalões jovens e fornecemos treinos”, diz a responsável, acrescentando que a Associação Geral Desportiva de Remo em Pé já começou a levar jovens ao Interior da China para participarem em competições.

Mar povoado de pranchas

Embora seja um desporto de fácil iniciação, o apoio de treinadores especializados é importante para um domínio adequado da modalidade. “O treinador não ensina apenas as técnicas, é também responsável pela segurança dos desportistas”, diz o técnico Sam Siu Heng.

Actualmente, não existe formação especializada em Macau para instrutores de “stand-up paddle”. “Não há no território qualquer organização designada para

emitir qualificações internacionais”, explica o presidente do Conselho de Administração do Clube de Remo em Pé de Macau, Che Man Tou. “Por isso, os treinadores do nosso clube possuem certificados emitidos por Taiwan. Estamos à espera que haja em Macau, num futuro próximo, uma entidade responsável pela criação de uma estrutura completa para a supervisão do remo em pé a nível local”, acrescenta.

Com apenas duas praias em Macau, Pedro Vizeu lamenta a escassez de espaços para a prática da modalidade: segundo diz, é um dos obstáculos para uma maior divulgação do “stand-up paddle” localmente. Além disso, acrescenta o dirigente associativo, seria benéfica a existência de instalações específicas para a lavagem e armazenamento do equipamento após a sua utilização.

Apesar dos constrangimentos, Leong Ka Hou, vice-presidente do Conselho de Administração do Clube de Remo em Pé de Macau, diz que já conseguiu concretizar um sonho que perseguia há mais de cinco anos: o de, olhando a partir da praia, ver o mar de Macau povoado de praticantes de “stand-up paddle”. Aconteceu no ano passado, durante uma prova local. ◀

a minha cidade

A PELÍCULA E A VIDA. BREVE VIAGEM

© CHEONG KIM KA



PELA MACAU MAIS GENUÍNA



O filme “Sisterhood”, que catapultou **Tracy Choi** para a ribalta, olha com saudade para aquilo que Macau foi e já não é e reflecte a essência da cidade onde a cineasta cresceu e onde se movimenta com maior à-vontade

Texto | Marco Carvalho

A MACAU de Tracy Choi Ian Sin tem vielas engolidas pela sombra, artérias estreitas estranguladas entre prédios disfuncionais, molhos de lícias encavalitados em bancas de rua, vendedores de char siu e siu iok e uma infinita maré de gente em trânsito.

Nascida em 1988, a jovem cineasta é hoje a referência mais sonante da primeira geração local de realizadores, mas houve tempos em que a dinâmica e o bulício de San Kiu estiveram no centro do seu universo pessoal.

Antes de rumar à Universidade de Shih Hsin, em Taiwan, onde estudou Produção Cinematográfica, Tracy Choi viveu e conviveu com a Macau ofuscada pelo brilho dos grandes empreendimentos turísticos e é essa a cidade que se insinua nas obras que cria para o grande ecrã. O filme “Sisterhood”, que teve a sua estreia mundial no primeiro Festival Internacional de Cinema de Macau, em 2016, personifica a experiência vivida em bairros frenéticos, a fervilhar de gente, onde o tempo se escoia com um ritmo próprio. ▲

a minha cidade



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

Carlos da Maia, meu amor

FELIZ e despreocupada. É esta a imagem que Tracy Choi preserva da infância e da adolescência. A realizadora, de 33 anos, estudou na Escola Secundária Pui Ching e foi na zona do antigo bairro de San Kiu que cresceu e que aprendeu a valorizar uma certa ideia de simplicidade. “Eu estudei na Pui Ching e vivia ali perto. Vivi naquela zona desde o jardim de infância ao ensino secundário e, sim, a minha infância foi muito feliz”, sublinha a cineasta.

A memória dos primeiros anos, alegres e imperterbados, foi, para Tracy Choi, motivo suficiente para eleger a zona para morar após concluir os estudos, primeiro em Taiwan e depois em Hong Kong. A jovem realizadora diz sentir-se em casa nas ruas e vielas que desembocam na Rotunda de Carlos da Maia e é lá que continua a encontrar a Macau mais genuína. “Uma das áreas de que mais gosto em Macau é a zona que rodeia a Rotunda dos Três Candeeiros. Ali não existem casinos. É uma área com bastantes escolas e que se manteve quase como era. Há uma série de lojas novas e coisas desse género, mas as pessoas mantiveram o ritmo de vida”, sublinha. “A ideia que tenho é que o estilo de vida das pessoas naquela área é muito diferente e isso foi algo que me influenciou bastante, fez-me pensar no tipo de vida que eu queria ter”, complementa.



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

A luz que nos Guia

NO INCIPIENTE panorama da indústria cinematográfica de Macau, Tracy Choi foi pioneira em mais do que um sentido. Os seus filmes abordam recorrentemente temas como o feminismo e a igualdade de género, mas também é possível vislumbrar neles um princípio de nostalgia, a saudade daquilo que Macau foi e já não é. E o contraste entre o que Macau era e aquilo em que se tornou em lado nenhum é mais evidente do que na Fortaleza da Guia, à sombra do primeiro farol erguido no Extremo Oriente.

“Gosto muito do que a vista nos devolve a partir do Farol. A partir de lá, conseguimos ver praticamente toda a cidade. Se subirmos até lá acima, conseguimos ver de um lado a Macau antiga e, do outro, a nova Macau, com todos os novos desenvolvimentos. Esta perspectiva, para mim, é muito especial”, afirma.

Mas mais do que o contraste entre a Macau de ontem e a de amanhã, a panorâmica que se alcança a partir da colina da Guia oferece também um vislumbre daquilo que é a verdadeira natureza de Macau. “Nem todas as cidades são assim. As outras cidades ou decidiram manter as partes antigas ou decidiram destruí-las por completo. Aqui em Macau está tudo misturado. Macau é uma mistura de tudo”, sublinha Tracy Choi.



© CHENG KAM HA

Madre de Deus, a incontornável

HÁ ARTE em olhar uma segunda vez para o que nos rodeia. Em grande medida é isso mesmo que Tracy Choi faz quando filma. Mostrar a verdadeira riqueza do território e revelar a alma de Macau passa pela capacidade de ler para além do imediato, de expurgar a cidade de alguns dos estereótipos que dela se apoderaram e por mostrar o incontornável com uma nova roupagem.

“Do ponto de vista cinematográfico, Macau é muito especial. Temos os casinos e o património. Mas um dos desafios com que me deparei, por exemplo, em ‘Sisterhood’, foi o de procurar mostrar uma Macau que não fosse demasiado turística, defende a cineasta.

“Um dos locais onde eu queria filmar era as Ruínas de São Paulo. As Ruínas de São Paulo são o tipo de lugar que todos os turistas visitam e o nosso propósito era o de mostrar as Ruínas de São Paulo como nós as vemos no nosso quotidiano. Decidimos que as iríamos filmar a partir de um dos becos que ali estão ao lado. Na história trata-se de um evento significativo, mas nós não mostramos as Ruínas integralmente”, recorda.

Depois de retratar o mais conhecido ponto turístico do território, falta ainda à realizadora alcançar uma velha ambição: “Há uma série de igrejas em Macau que são muito, muito bonitas e eu nunca escondi o desejo de poder filmar numa delas”.



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

Onde tudo começou

CENTRADO na história de amor que une duas jovens mulheres na incerta Macau do início da década de 1990, “Sisterhood” (“Irmandade”, em português) teve estreia mundial no território no âmbito da primeira edição do Festival Internacional de Cinema de Macau, promovida em 2016. A primeira longa-metragem de Tracy Choi terminou o certame aclamada pela audiência e com a jovem realizadora, então com apenas 28 anos, a receber, no Centro Cultural de Macau, o Prémio para a Escolha do Público.

“Depois de me ter formado em Taiwan, regresssei a Macau para trabalhar. Naquela altura, há cerca de dez anos, não havia cinema em Macau. Não havia produções locais a serem filmadas com regularidade. Isso não acontecia e nós aproveitámos a oportunidade que nos foi dada. Desafiei os meus amigos a juntarem-se ao concurso organizado pelo Centro Cultural, obter financiamento e filmar algo que tivesse um significado importante para nós”, sublinha a cineasta.

“Foi também muito importante que a minha primeira longa-metragem pudesse estreiar no Centro Cultural, porque foi algo que trouxe visibilidade à indústria cinematográfica local”, conclui Tracy Choi.

gastronomias

A que sabe um copo de xarope de figo? Aos longuíssimos dias da infância, a fartas celebrações em família, ao amor e à memória com um travo agridoce. Para **Florita Morais Alves**, a comida macaense é comida que fala ao coração.

Texto | Marco Carvalho

“**A** COMIDA macaense tem um sabor nostálgico.” O veredicto, curto e incisivo, é traçado por Florita Morais Alves defronte de uma mesa guarneçada com algumas das iguarias mais emblemáticas do universo dos paladares de Macau. Subtil, uma dose de minchi ombreia com a nebulosa fragilidade de uma casquinha de caranguejo e com o dourado resplendor de um prato de galinha à portuguesa, num claro contraste com o minimalismo que se apoderou das cozinhas modernas.

A mesa macaense é abundante, vibrante e foi aprimorada ao longo de séculos de improvável convívio, mas, mais do que a fusão de ingredientes oriundos de margens desavindas do globo – a curcuma e a

O DOCE PALADAR DA

folha de louro, a malagueta e o gengibre –, aquilo que distingue a gastronomia macaense é, no entender de Florita Morais Alves, a capacidade com que fala ao coração. Antiga funcionária dos Correios de Macau e do já extinto Instituto Emissor, a agora responsável pela gestão da cozinha do restaurante “La Família”, na ilha da Taipa, defende que uma das características que mais contribuem para a singularidade da cozinha macaense é a memória afectiva associada a iguarias como o tacho, a capela, o ladu, o aluá ou mesmo o xarope de figo.

“No seio da comunidade, quando associamos a comida macaense a alguma coisa, normalmente associamos a festas, o que é, realmente, muito positivo. Associamos a celebrações, a festas familiares, casamentos, baptizados”, salienta Florita Morais Alves. “As iguarias macaenses são iguarias que evocam certas memórias. As pessoas quando consomem pratos macaenses é essas memórias, em grande medida, que procuram. A cozinha macaense ajuda a apagar o fogo da saudade”, complementa a também dirigente da Confraria da Gastronomia Macaense.

A natureza vincadamente

familiar de pratos como o porco balichão tamarindo, a sopa de lacassá ou o diabo é referenciada com frequência como o maior obstáculo à viabilidade económica de projectos de restauração que apostem no potencial da gastronomia macaense, mas para Florita Morais Alves o estereótipo está, em grande medida, ultrapassado. A cozinheira exemplifica com o relativo sucesso que o seu espaço conseguiu alcançar, graças a uma mudança de rumo, após um período inicial um tanto ou quanto atribulado.

“Em 2017, o meu filho juntou-se com uns amigos e decidiu abrir um restaurante de comida portuguesa e italiana, mas o projecto parecia desde cedo condenado ao fracasso, ao ponto de ele pensar fechar o restaurante ao fim de oito meses. Decidi envolver-me no processo e sugeri que, em vez do italiano, fosse feita uma aposta na comida macaense”, revela Florita Morais Alves.

“As pessoas querem saber, querem conhecer aquilo que Macau tem de bom para oferecer e foi essa curiosidade que nos abriu muitas portas. Mesmo com a pandemia, nunca tivemos tantos clientes chineses como

NOSTALGIA

agora, sobretudo entre a comunidade chinesa local”, sustenta.

Inovar sem desvirtuar

Para a viabilidade económica do “La Famiglia” contribuiu, em grande medida, a maior visibilidade institucional ganha pela gastronomia macaense ao longo dos últimos anos, mas também o acerto e a ousadia de algumas das decisões tomadas por Florita Morais Alves desde que assumiu a gestão da cozinha do restaurante.

A designação de Macau, em 2017, como Cidade Criativa da

UNESCO na área da Gastronomia e a inclusão, no ano passado, da culinária macaense no acervo do Património Cultural Intangível da China proporcionaram à cozinha macaense uma proeminência inédita, reconhece a dirigente da Confraria da Gastronomia Macaense. “Se a gastronomia macaense não tivesse ganho uma maior visibilidade como património nacional, acho que ninguém teria interesse em saber o que é isto da comida macaense. Por um lado, porque é um tipo de comida muito caseira, muitos simples. Por outro, por ser uma gastronomia que ainda não tem um grande impacto comercial”, reconhece.

Mas fama e proveito não são necessariamente sinónimos e se o projecto do “La Famiglia”

conseguiu vingar comercialmente e ser bem-sucedido foi porque Florita Morais Alves optou, por um lado, por descomplicar e, por outro, por inovar sem trair a essência da “cozinhaçam di Macau”. Entre os pratos macaenses que pontificam no menu estão, sobretudo, os grandes clássicos da gastronomia autóctone de Macau, por vezes com um ou outro aspecto vanguardista.

Para além de batata cortada em cubos e de carne moída regada com sutate, o minchi, tal como é confeccionado por Florita Morais Alves, conta ainda com uma cama de batata palha, que, para além de acrescentar textura ao prato, absorve o excesso de gordura. O acrescento, defende a cozinheira, é um bom exemplo de que é possível inovar sem trair a essência secular da cozinha macaense. “Eu tenho a minha própria versão da galinha chau chau parida. Tradicionalmente, este prato é feito com açafrão-da-Índia, com gengibre, com vinho chinês. Aquilo que eu acrescento ao prato são tâmaras chinesas. Historicamente, este prato era consumido pelas parturientes depois de terem dado à luz. E porque é que eu acrescentei as tâmaras? Porque na medicina tradicional chinesa são um alimento que revitaliza, que ajuda a renovar o sangue”, sustenta a cozinheira macaense. “A essência está nos condimentos. Está no equilíbrio dos condimentos”, remata. ▀

© CHEONG KAM KA



Florita Morais Alves procura inovar sem trair a essência da gastronomia macaense

roteiro

+ EXPOSIÇÃO

Um safari filatélico pela Grande Baía

Os selos são pedaços de identidade com uma polegada e meia e são o cartão de visita perfeito para quem quer saber um pouco mais sobre aquilo que uma região, um país e um povo têm para oferecer. E é exactamente isso que oferece a exposição “Viagem de Selos à Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, patente no Museu das Comunicações.

A mostra reúne selos emitidos pelos serviços postais da República Popular da China e das Regiões Administrativas Especiais de Hong Kong e Macau e guia os visitantes num périplo “pela cultura, vida e ambiente da Grande Baía”.



© DIREITOS RESERVADOS

A exposição coloca em destaque o grande desenvolvimento tecnológico de que a região da Grande Baía tem sido palco ao

longo da última década, com a exibição de emissões filatélicas relativas à rede ferroviária chinesa de alta velocidade, a obras de engenharia como a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau ou à Linha da Taipa do Metro Ligeiro de Macau. O museu faculta visitas guiadas com uma duração de 20 minutos a escolas, organizações e grupos de idosos, desde que sejam marcadas com antecedência.

Viagem de Selos à Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau

LOCAL Galeria Temporária do Museu das Comunicações

HORÁRIO Diariamente, entre as 9h00 e as 17h30. Encerra em dias de feriado.

PREÇO Entrada gratuita



MAIS INFORMAÇÃO

+ EVENTOS

O bem-estar através do desporto

A pandemia da COVID-19 tem tido um impacto significativo na diminuição da prática da actividade física e desportiva um pouco por todo o mundo e Macau não é excepção. Mas o Instituto do Desporto está apostado em dar a volta ao texto e tenciona promover em Setembro e em Outubro uma série de iniciativas destinadas a impulsionar a prática de desporto e de exercício físico.



© INSTITUTO DO DESPORTO

A mais significativa – a 5.ª edição dos Jogos Desportivos Populares de Macau – está agendada para 23 de Outubro e tem como palco o Centro Desportivo Olímpico e o Centro de Bowling. O evento, que nos anos que antecederam a pandemia atraiu mais de três mil participantes, abarca modalidades como o atletismo, a natação, o ténis de mesa, o badminton, as corridas de estrada e o basquetebol.

Antes, a 18 de Setembro, o Pavilhão Polidesportivo Tap Seac acolhe os Jogos Desportivos para Idosos de Macau e uma semana depois, a 25, o Dia da Prática Desportiva e do Exercício Físico e de Desafio de Aptidão Física.

5.ºs Jogos Desportivos Populares de Macau

LOCAL Centro Desportivo Olímpico e Centro de Bowling

DATA 23 de Outubro

HORÁRIO Todo o dia

PREÇO 100 patacas para as provas individuais, 200 para as provas por equipas



MAIS INFORMAÇÃO

+LIVROS

Histórias que os fazem crescer

Surgiu em Macau há pouco mais de três anos pela mão da jornalista portuguesa Catarina Mesquita, com o mais nobre dos propósitos: cultivar o gosto pelos livros e pela literatura junto dos mais novos. A Mandarin Books aposta em histórias, referências e conteúdos locais e anunciou, em meados de Julho, o lançamento do segundo volume de uma colecção que já garantiu um lugar cativo na história da literatura infantil em Macau.

Há dois anos, a Mandarin juntou Fernando Chan, um ilustrador brasileiro de origem chinesa, e o escritor local Joe Tang e o resultado foi “Na Rua”, um livro bilingue que reúne duas histórias unidas por um mesmo fio condutor. A obra esgotou duas edições e arrebatou o coração das crianças locais.

Agora, a editora tenta secundar o sucesso alcançado com “Na Rua” e lança “Em Casa”, uma obra que aborda, com uma mensagem de esperança, os tempos desafiantes a que a pandemia da COVID-19 sujeitou Macau. O livro adopta o mesmo modelo do antecessor e explora a forma como crianças com diferentes antecedentes

culturais – Júlia e Pou – lidam com o impacto da crise epidémica.



“Em casa”

AUTORIA Catarina Mesquita e Joe Tang (texto), Fernando Chan (ilustração)

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Literatura Infantil

IDIOMA Português e Chinês

PÁGINAS 38

EDITORA Mandarin Books

PREÇO 150 patacas

+NA REDE

As armas e os canhões assinalados

A 16 de Abril de 2020, durante os trabalhos de requalificação da rede de esgotos na Avenida de Demétrio Cinatti, no Porto Interior, o operador de uma retroescavadora desenterrou acidentalmente uma peça de artilharia, presumivelmente de origem portuguesa.

A descoberta deixou em júbilo arqueólogos e entusiastas da história militar de Macau, que ficaram em êxtase quando foram encontrados, nos meses que se seguiram, três outros canhões num estaleiro de construção do Cotai. As peças foram integradas no espólio do Museu de Macau, que as submeteu a um processo de restauro e conservação que se deve prolongar por vários anos.

Tal não significa, contudo, que os canhões tenham necessariamente de ficar arredados dos olhares do

público. No início de Junho, o Instituto Cultural lançou uma plataforma digital que exhibe um modelo em três dimensões das quatro peças de artilharia que foram encontradas no Porto Interior e no Cotai.

A “Exposição Online de Canhões Antigos” permite que o público aprecie os artefactos a partir de diversos ângulos, enquanto os canhões não estão em condições de serem expostos fisicamente.



ORGANIZAÇÃO Museu de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA História militar

IDIOMA Português, Chinês e Inglês



WEBSITE
<https://www.macaumuseum.gov.mo>

收藏

澳門郵票

大西洋銀行一百二十周年

120.º Aniversário do Banco Nacional Ultramarino

Coleccion Selos
de Macau

Collect
Macao's Stamps



集郵微信 QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





第十屆澳門國際旅遊（產業）博覽會
10.^a Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau
10th Macao International Travel (Industry) Expo

十年旅博
澳聚八方
Um Brinde à 10.^a MITE
Cheers for 10th MITE



Facebook



微信 | WeChat



官網 | Website



周年 ANIVERSÁRIO

澳門威尼斯人金光會展A及B館 23-25/9/2022
Hall A and B, Cotai Expo, The Venetian Macao

主辦單位
Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

支持單位
Supporting Entity

中華人民共和國文化和旅游部
MINISTRY OF CULTURE AND TOURISM OF
THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA

承辦單位
Coordinator



澳門旅行社協會
Associação das Agências de Viagens de Macau
Macao Travel Agency Association

協辦單位
Co-organizers



經濟及科技發展局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ECONOMIA e
Desenvolvimento Tecnológico



澳門貿易發展投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

澳門特別行政區政府文化發展基金
Fundo de Desenvolvimento da Cultura
Governo da Região Administrativa Especial de Macau

橫琴粵澳深度合作區執行委員會經濟發展局
Economic Development Bureau of the Executive Committee at
Guangdong-Macao In-Depth Cooperation Zone in Hengqin



澳門中華總商會
The Macao Chamber of Commerce



澳門街坊會聯合總會
União Geral das Associações dos Moradores de Macau



澳門工會聯合總會
Associação das Associações dos Trabalhadores de Macau



澳門婦女聯合總會
Associação Geral das Mulheres de Macau



澳門華僑總會
ASSOCIAÇÃO DE PORTUGUESES DE ORIGEM CHINESA DE MACAU



澳門旅遊商會
ASSOCIAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE TURISMO DE MACAU
ASSOCIATION OF MACAO TOURIST AGENTS



澳門旅遊業議會
TRAVEL INDUSTRY COUNCIL OF MACAU



Associação de Hotéis de Macau
Macao Hotels Association
澳門酒店協會